

Histórias que nos Sangram

EDITORA MULTIFOCO

Simmer & Amorim Edição e Comunicação Ltda.

Av. Mem de Sá, 126, Lapa

Rio de Janeiro - RJ

CEP 20230-152

REVISÃO

Jônatas Campos

CAPA

Júlio César Carvalho(Arte), Athena Farias(Foto),

Thiago Fraga (Foto do autor)

DIAGRAMAÇÃO

Sâmia Collodetti


Histórias que nos Sangram - 1ª Edição

FRAGA, Geraldo de

Maior de 2009

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem prévia
autorização do autor e da Editora Multifoco.

 dimensões
ficção

Histórias que nos Sangram

GERALDO DE FRAGA

Rio de Janeiro, 2009

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
SUA CABEÇA COMO UM TROFÉU (1694)	13
QUEM AMA NÃO TEM CORAÇÃO (1711)	30
OS DENTES DOS MORTOS (1817)	42
ONDE AS ALMAS ESPERAM SUA VEZ (1831)	54
EU LEVO COMIGO APENAS O QUE MEREÇO (1873)	73
FOME (1914)	88
A LUA COBRA SEU PREÇO (1940)	99

Para minha família

PREFÁCIO

Ao leitor que vai aventurar-se nas próximas páginas, cabe aqui uma advertência: você irá seguir por uma trilha sombria rumo ao pavor e, no caminho, vai encontrar personagens assustadores e presenciar cenas medonhas que certamente vão habitar seus sonhos por bastante tempo, mesmo depois que este livro for guardado em um canto poeirento da estante. Portanto, esteja preparado!

E essa jornada horripilante não o conduzirá somente ao encontro do medo — este primitivo sentimento que provoca arrepios e taquicardia em quem se depara com o desconhecido, com o inominável, com o sobrenatural. É preciso que o leitor fique bem atento ao cenário apresentado nos fragmentos ficcionais que virão na sequência. Os contos de Geraldo de Fraga se passam no Recife, a capital de Pernambuco. Não o Recife ensolarado, cortado por rios e coroado de pontes que a gente vê nos cartões-postais. A cidade que se revela aqui é feita de becos escuros, ermos descampados e antigos casarões. É o Recife dos “causos de malassombros” descortinados com maestria pelo sociólogo Gilberto Freyre no livro “Assombrações do Recife Velho”.

A obra, escrita na década de 50 do século passado, fala do imaginário dos moradores do Recife — almas-penadas, visagens, monstros e maldições que estão intimamente ligados à história da cidade

secular. Figuras, lugares e situações descritos por Freyre estão também nos textos de Fraga: o sanguinário Papa-figo, os arredores da macabra Cruz do Patrão e o maléfico fascínio exercido pelas botijas são alguns exemplos. A diferença é que o autor deste livro levará você, prezado leitor, a ser testemunha de ocorrências absurdas, às vezes bizarras, relacionadas às origens dessas lendas e mitos.

Não é só isso. Geraldo de Fraga, jornalista que agora se torna escritor, usa o horror provocado pelo inexplicável para, silenciosamente, flagrar o que existe de desumano no ser humano. As tramas que produz levam os protagonistas a situações-limite, expõem o que há de sinistro no comportamento de pessoas comuns, de acordo com os momentos históricos em que estão inseridas. Ou seja, aqui você vai se deparar não só com terríveis sustos. Sob as camadas de pavor, está o questionamento. É uma iniciativa corajosa, pois, no Brasil, a literatura fantástica é — injustamente! — considerada um gênero menor. Enganam-se muitos acadêmicos: existem ótimos autores nacionais que sabem manipular a linguagem do fantástico. E Fraga demonstra ter o conhecimento necessário para dominar esse estranho e fascinante código secreto.

Pois siga em frente, curioso leitor! E se durante a leitura for acometido de suores frios e achar que está “vendo coisas” quando tirar por alguns segundos os olhos do papel, não diga que não foi avisado...

Roberto Beltrão

“O mistério continua conosco, homens do século XX, embora diminuído pela luz elétrica e por outras luzes”.

GILBERTO FREYRE,
“Assombrações do Recife Velho”

“Achei a cidade detestável por toda parte, essa é a verdade, meu rapaz. As ruas estreitas, mal calçadas e imundas; as casas, altas e lúgubres”.

CHARLES ROBERT DARWIN,
“Viagem de um Naturalista ao Redor do Mundo”

SUA CABEÇA COMO UM TROFÉU

1694

O traficante de escravos abriu um farto sorriso quando viu Lima entrar no seu barracão. Dentes escuros e quebrados. Negócios seriam feitos naquela tarde quente de novembro. O vento que vinha do mar sacudia com força o pano encardido que servia de tenda.

O senhor de engenho, outrora um sujeito forte e saudável, caminhava arrastando a perna esquerda. Sua barba e os poucos cabelos que ainda lhe restavam eram completamente brancos. O traficante o cumprimentou com uma grande reverência e fez questão de pegar uma cadeira para que o velho se sentasse. Também providenciou água fresca. Pelo menos garantiu que era. O velho deu alguns goles no copo de barro e com o resto da água molhou a mão e esfregou-a em sua cabeça. Não vestia nenhum dos seus ternos de linho naquele dia. Trajava-se com roupas velhas, que usava sempre quando trocava o trabalho no engenho pela labuta ao lado dos peões.

O traficante chamou seus empregados e ordenou que trouxessem as melhores “peças” que tinha. O ar quente cheirava a suor, urina e fezes. Em alguns lugares, a areia branca da praia ganhava uma coloração amarela escura. Centenas, talvez milhares, de moscas faziam um som insuportável.

Três negros altos e fortes foram postos de pé, um ao lado do outro. O capataz que acompanhava Lima inspecionou as unhas e os dentes dos homens e lhe fez um sinal positivo com a cabeça. Lima ainda era um dos maiores compradores de escravos da região, apesar da crise que se abatera nos negócios.

— Gostei desses três. São fortes para trabalhar na cana?

— Claro, senhor. Eu não lhe venderia algo que não fosse bom — respondeu o traficante.

— Por incrível que pareça eu confio em sua palavra, Monteiro. Eles falam nossa língua?

— Não, meu senhor.

Lima olhou para Monteiro com a sobrancelha erguida.

— Não são domesticados?

— Não, senhor. São de uma tribo desconhecida. Foi uma luta feroz, disse o comandante do navio. Os que não foram aprisionados tiveram que ser mortos.

— Que seja, então. Vou ficar com esses três, leve-os lá para fora e pegue o dinheiro com meu capataz.

O traficante fez o que lhe havia sido ordenado. Lima levantou-se com dificuldade. Um dos empregados de Monteiro se aproximou para ajudá-lo, mas ele fez um gesto com a mão para que se afastasse.

Arrastando a perna em direção à saída, parou para dar uma última olhada nos outros escravos. Um detalhe não tinha sido notado por seus olhos antes. Não havia mulheres, nem crianças. Olhou para aquele amontoado de formas humanas com um certo espanto.

Foi então que percebeu, entre os outros prisioneiros, um negro imenso com as mãos e os pés acorrentados. Era muito maior e

mais forte do que os outros. Estava preso sozinho em um tronco e usava uma mordaça de couro, que cobria sua boca e o queixo. Lima se aproximou, mas o negro nem parecia notar que ele estava ali.

Nesse instante, Monteiro voltou para dentro do barracão. O sorriso que esboçava no momento sumiu por completo.

— E esse aí? Não me falou dele.

— Ah, esse aí? — disse Monteiro, gaguejando. — Esse aí não está à venda. É muito agressivo e não serve para o trabalho.

— O tronco do meu engenho pode amansá-lo.

— O senhor acha que não é da minha vontade fazer negócio? Mas o comandante do navio disse que esse aí é uma espécie de líder. Ele falou que os outros lutaram bravamente para que não fosse capturado. Se o senhor o levar terá problemas.

— Não diga tolices. O meu capataz sabe como lidar com escravos selvagens. Tire a mordaça e mostre-me seus dentes.

O traficante tremeu.

— Mil perdões, senhor, longe de mim querer desobedecer uma ordem sua, mas imploro para não ter que colocar minha mão dentro dessa boca maldita. O comandante disse que esse aí mordeu vários homens quando o prenderam, tendo inclusive mutilado o rosto de um.

— Esse comandante goste de contar histórias, não? — perguntou o velho.

O capataz que já havia retornado para perto de seu senhor, soltou uma gargalhada.

— Isso é trabalho para homem, senhor. Deixe que eu olho os dentes desse infeliz. Se ele tentar alguma coisa eu corto o pescoço

dele. Peço apenas que tire a mordança enquanto eu o seguro — disse ele, olhando para Monteiro.

O traficante não mostrou satisfação, mas concordou em ajudar. Pelo menos não teria que abrir a boca do negro. O capataz desembainhou o seu facão e o colocou na garganta do escravo. Ao seu sinal, Monteiro tirou a mordança. O escravo se manteve quieto e sem esboçar reação alguma.

Com a mão direita o capataz segurou o seu queixo e fez força para que abrisse a boca. Não houve resistência e Lima pôde ver que seus dentes eram de boa qualidade, não tendo um podre sequer.

Então o senhor de engenho ordenou que Monteiro não lhe pusesse mais a mordança e avisou-lhe que iria levar o “gigante”, como passou a chamá-lo, e que pagaria por ele o mesmo valor que pagara pelos anteriores. O traficante assentiu.

Naquele instante o negro esticou a língua e lambeu levemente a ponta dos dedos do capataz que ainda segurava o seu queixo. Em seguida abriu os olhos e o fitou, dando um leve sorriso depois.

— Esse já está mansinho, senhor. Parece até um cachorro. Acho que não vai nem precisar usar o tronco com esse aí.

— Não confie nesses selvagens, Bastião. Esses só se acalmam depois de umas boas chibatadas. Leve-o para fora e vamos embora.

Lima caminhou até Monteiro.

— Estive semana passada na praça do Carmo. Depois do que eu vi, não me passo mais a temer esses animais. Nenhum escravo meu tentou fugir de novo e não vai tentar nunca mais.

— Então é verdade? — perguntou o traficante, surpreso. — Achei que era só um boato.

— Foi entregue nas mãos de Caetano de Melo e Castro. Salgada e com a própria vergonha enfiada em sua boca. Caetano e mandou colocar a cabeça do negro em um poste para todo mundo ver. E vai ficar lá até apodrecer.

— Diziam que ele era imortal — falou Monteiro, em voz baixa.

O senhor de engenho sorriu e lhe deu às costas.

— Vamos voltar para Olinda, Bastião. Essa terra de mascates cheira a esterco — gritou ao vento.

Quando o negro foi levado para fora do barracão, os outros que estavam lá tiveram um choque. Os três puseram-se a gritar e tentar se livrar das correntes. Todos encaravam Lima e seu capataz com ira nos olhos. Monteiro e dois de seus empregados tiraram os chicotes das cinturas e desferiram golpes certos nos homens, mas eles pareciam não se importar com a dor e continuavam investindo contra eles.

O motim só terminou por ordem de seu líder. A voz do negro era tão imponente o quanto se podia esperar de um homem daquela estatura. Ele falava e batia os seus enormes pés no chão. Ao ouvirem as suas palavras, os três ficaram quietos novamente. Disseram apenas algumas frases em sua própria língua, das quais os brancos não conseguiram entender nada.

Todos foram acorrentados em fila e saíram puxados pelo cavalo do capataz. O gigante era o primeiro da fila. Lima cavalgava na frente da comitiva. O sol castigava o velho, que a todo instante usava um lenço para enxugar o suor em seu rosto. A primeira parte da viagem foi feita pela beira da praia. Os escravos resmungavam em sua língua estranha, por causa do chão quente. Menos o primeiro da fila, que caminhava o tempo todo de cabeça baixa.

Após quase uma hora de viagem, na qual fez-se um longo silêncio, a comitiva tomou uma estrada de barro. Apesar do sol ainda brilhar forte, o caminho tinha muitas árvores em suas laterais que faziam sombra em várias partes do chão.

Em um determinado momento o capataz notou alguns cochichos. Os negros sussurravam tentando chamar a atenção do líder, que ainda caminhava de cabeça baixa. Bastião gritou para que se calassem, mas não lhe deram atenção. O capataz estava desconfiado, pois os escravos já haviam mostrado que não temiam chicote algum e se algum motim começasse ali só poderia ser impedido à faca. Enquanto isso, Lima cavalgava calmamente à frente deles sem saber o que se passava.

Os negros continuavam a sussurrar. Pareciam que estava pedindo alguma coisa ao gigante, mas Bastião não conseguia entender o que estavam tentando fazer. De repente o gigante virou-se e falou alguma coisa para o que estava atrás dele. Esse abriu a boca, e então o gigante cuspiu dentro dela. Em seguida, o que havia recebido a cuspidinha virou-se e cuspiu na boca do que estava atrás dele. Esse por sua vez repetiu o ato para o último, que finalmente engoliu a saliva. Bastião se contorceu de nojo e virou o rosto.

Não viu o que aconteceu, mas ouviu um grito estridente e olhou novamente para trás. O último negro da fila estava caído no chão. Ele desceu do cavalo e amarrou as rédeas do animal num tronco de árvore. Foi em direção do homem, já com o chicote na mão, e lhe aplicou vários golpes. “Levanta miserável, levanta”, gritava o capataz. Lima se aproximou espantado.

— Que foi isso, homem?

— Ele está fingindo, senhor, eu sei. Pode deixar que eu boto ele na linha.

— O que foi que você fez? Não sabes que esses escravos me custam dinheiro? Já não basta o que devo aos malditos mascates, quer me dar mais prejuízo?

— Eu não fiz nada, senhor. Já falei para o senhor que ele está fingindo.

Lima desceu do cavalo e se abaixou perto do negro. Em seguida pôs a mão em seu pescoço. “Morto”, falou, estarecido. O outro escravo que estava acorrentado a ele começou a gritar direção aos brancos. O som que fazia era como uma mistura de latido e um riso estridente.

— Aponte o facão para ele enquanto eu solto a corrente do morto, senhor — pediu Bastião.

O negro instintivamente recuou e o capataz livrou o corpo do morto. Enquanto arrastava o cadáver, olhou de relance para o maior e percebeu que ele o encarava.

O velho ordenou ao capataz que jogasse o corpo ao lado da estrada e seguiram viagem. Disse que não iria mandar cavar buraco para o infeliz, para não atrasar a viagem. Que servisse de comida para os urubus.

A imagem da cabeça do negro em praça pública veio em sua mente. Pensou que seria boa idéia exibir a cabeça daquele negro que acabara de morrer em um poste do seu engenho. Isso intimidaria seus escravos, mas também incomodaria seus empregados com certeza. E seu filho pequeno viria aquilo. Tentou pensar em seu filho e em como ele sentia falta da mãe que morrera. Mas somente

lhe aparecia a visão da cabeça. Perguntou-se qual teria sido a sensação do governador, ao recebê-la em suas mãos, como um troféu. Com o sal ainda lhe cobrindo.

— Mas aqui estou eu, quase falido e devendo a mascates arrogantes — falou em voz alta, mas apenas para si mesmo.

Bastião não comentou nada com o seu patrão, a respeito do que tinha visto. Lima amaldiçoou Monteiro por ter lhe vendido um escravo doente.

— Bastardo. Já não bastou aquele que ele me vendeu com o mal da bicha, anos atrás — praguejava.

O fato foi deixado de lado. Só que depois daquilo, Bastião começou a sentir um verdadeiro temor em relação ao gigante. E no mesmo instante, começou a notar um pequeno ardor nas pontas dos dedos da sua mão direita. Mas naquele momento aquilo passou quase despercebido.

O capataz agora não tinha coragem de olhar para trás para saber o que os negros estavam tramando. Eles voltaram a sussurrar. Andaram mais uns dois quilômetros e novamente um novo incidente fez com que a comitiva parasse outra vez. O último escravo da fila havia caído. Lima mais uma vez desceu do cavalo e constatou o fato. Aquele também estava morto.

— Mas que diabos está acontecendo com esses negros? — Gritou Lima.

— Deve ser doença que pegaram no navio, feito da outra vez — falou Bastião, ainda omitindo o caso da cuspida.

— Pegue esse aí de novo. Não vamos ficar carregando defuntos por aí.

O capataz levantou o corpo do negro e o carregou para o lado da estrada, metendo-se na mata. Lima amarrou os cavalos numa árvore e sentou-se na beira da estrada para esperá-lo. Os negros continuaram de pé. Lima puxou do bolso um pedaço de papel de seda e um pequeno pacote de fumo. Enquanto enrolava o seu cigarro, passou a observar os escravos sem que eles notassem, ou pelo menos fingiam que não. Estavam conversando em voz baixa e num certo momento parecia que o gigante estava dando uma ordem ao outro. Esse então abriu a boca e o maior cuspiu dentro dela. Lima havia acabado de acender o cigarro e se engasgou com a fumaça. O negro caiu no chão e começou a agonizar. Logo depois, parou de se mexer.

Lima deu um grito de desespero chamando por Bastião. O capataz surgiu correndo de dentro do mato já com a faca em punho.

— Foi ele, foi ele — gritava o velho — Foi ele quem matou os outros, Bastião.

— Eu sabia, senhor. É mesmo um demônio.

O negro os observava com indiferença. Lima foi se acalmando e recobrando a razão.

— Besteira. Deve ter sido veneno. Ele deve ter guardado veneno na boca — falou.

— Mas senhor, eu olhei bem a boca dele naquela hora. Não tinha nada.

— Vamos ver isso lá na fazenda. Quando eu colocar esse desgraçado no tronco ele vai cuspir até secar — finalizou Lima.

Soltaram o corpo do escravo e o resto da viagem Bastião seguiu a pé, puxando o seu cavalo pelas rédeas. Lima deu ordens

para que a qualquer movimento brusco do negro, o capataz agisse com violência. Mas o gigante caminhava calmamente sem temer nada. O sol já estava se pondo e o calor, enfim, diminuía.

A partir daquele momento a pequena dor que começara a incomodar a mão de Bastião, minutos atrás, havia aumentado consideravelmente. Agora estava se tornando quase insuportável, mas ele tentava se conter, pois o engenho já estava próximo dali.

Em pouco mais de uma hora chegaram lá. Passaram por um grande pátio que ficava em frente à casa grande, onde alguns dos empregados do engenho estavam passando, pois largavam do serviço. Todos eles fizeram caras de espanto ao ver o tamanho do negro. Ali perto também ficava a senzala. Não havia nenhuma janela nas suas paredes, mas existiam algumas frestas por onde os escravos podiam ver o que se passava do lado de fora.

Enquanto o gigante passava pelo pátio, pôde-se ouvir um burburinho vindo de lá. De repente um gritou. E então houve um levante geral. Lima já ia dar ordem para seus empregados conterem os escravos, mas eles voltaram a se calar. O gigante sorriu.

Antes de chegarem à casa grande, o velho desceu do cavalo e seguiu a pé, arrastando a perna doente em direção às escadas. Bastião segurou as rédeas de seu animal e parou. A dor estava cada vez mais forte e os dedos de sua mão haviam começado a escurecer e ficaram com uma aparência horrível como se fossem galhos podres.

Lá na escadaria Lima foi recebido por Berenice, sua governanta, e seu filho Antonio, de sete anos. Esse, quando o viu, desceu degraus em disparada para encontrar o pai.

Enquanto isso, a dor de Bastião foi aumentando e ele já estava começando a se sentir mal. Ao notar o sofrimento do capataz, o gigante soltou uma gargalhada, nitidamente de deboche. Bastião o olhou com ódio, pois sabia que ele tinha algo a ver com sua desgraça. Porém não conseguiu falar nem fazer nada, a dor dessa vez aumentou tanto que ele desmaiou.

Ao ouvir o som do corpo do capataz caindo, Lima se virou rapidamente e ao vê-lo no chão pôs-se a gritar:

— Foi o negro. Brás, segure esse negro.

Um dos empregados do engenho partiu em seu socorro e desferiu um soco certeiro que jogou o escravo no chão. Ele então puxou sua faca, mas ouviu a ordem do velho.

— Não, Brás. Leve-o para o tronco, ainda não decidi o que vou fazer com ele. E você Berenice, mande levar Bastião lá para dentro.

Com a ajuda de outros dois homens, Brás levou o gigante para o tronco, que ficava por detrás da senzala. Bastião foi carregado para seu quarto para ser tratado, pois já estava ardendo em febre. Lima se recolheu à casa para o jantar e a sua última ordem a Brás foi para que nem água nem comida fossem dadas ao negro.

Horas se passaram e o gigante continuava preso. Tinha os braços e as pernas acorrentadas num imenso tronco de madeira que ficava encostado em seu peito, deixando as costas livres para o castigo. De repente uma pequena figura surgiu ao seu lado. Era Antônio. O menino trazia uma pedra na mão, e com uma agilidade e uma precisão incrível a arremessou bem na cabeça do escravo. Esse não gritou nem gemeu, apenas o fitou e em seguida mostro-lhe os dentes. O garoto fugiu em disparada.

Depois de comer, Lima foi até o tronco, acompanhado de Brás. O escravo virou a cabeça para trás quando ouviu seus passos e os encarou. Agora, ele parecia estar com raiva. Seus olhos estavam fixos no velho e podia-se ver a ira dentro deles.

Lima deu a ordem. Brás empunhava um chicote de três cordas cujas pontas tinham pequenas bolas de metal. A cada chibatada um pedaço de sua carne era arrancado. A primeira parte do castigo durou cerca de 15 minutos. Mais de trinta açoites foram desferidos contra o corpo do escravo, que para o espanto dos dois homens permanecia em silêncio, sem nem sequer gemer.

— Pelo amor de Deus, senhor. Esse homem é feito de quê?

— Acho que Bastião estava certo, Brás. Isso não é um homem, é um demônio.

— É, mas tá sangrando. Vamos ver até onde ele aguenta.

Brás reiniciou o castigo. Após mais algumas chibatadas, o gigante parecia finalmente expressar dor. “Vamos Brás, ele já começou a sentir o chicote. Mais forte”, gritou Lima. Ele voltou a açoitar as costas do negro que já estava quase toda cortada. Bateu também em sua face, inclusive ferindo os seus lábios, deixando ele com a boca cheia de sangue.

De repente, o gigante soltou um grito grave, que pôde ser ouvido quase que no engenho inteiro, e então desfaleceu. Brás se curvou mostrando cansaço após tantos minutos de chibatadas.

— Será que morreu? — perguntou ele.

Lima ordenou que ele mesmo conferisse. Brás ergueu a cabeça do escravo e aproximou o seu rosto para examinar. Então pôde

constatar que ele ainda respirava. Uma respiração quase imperceptível, não fosse a proximidade em que Brás estava.

De repente o gigante abriu os olhos. Sussurrando com uma voz esganiçada, proferiu algumas palavras estranhas e de repente cuspiu uma enorme escarrada de sangue nos olhos de Brás. Ele caiu no chão gemendo e começou a esfregar o rosto como se o sangue do negro lhe queimasse.

O velho ficou sem saber o que fazer durante alguns segundos, mas depois correu para ajudar seu empregado. Brás já havia se acalmado, como se a agonia tivesse cessado ou pelo menos diminuído. Então levantou-se lentamente, apoiando-se no seu patrão. Estava como se tivesse acabado de acordar de um sono profundo, pois parecia estar desnortado. Mas ao avistar o negro, foi como se recobrasse a consciência.

— Miserável, demônio miserável. Deixe-me matá-lo senhor, deixe.

— Não Brás. Vamos fazer melhor. Vamos deixá-lo aí para que morra devagar. Ele está sangrando muito, não vai aguentar mais do que um dia. Deixe que ele seque até morrer.

Mesmo contrariado, Brás obedeceu. Sua vontade era de acabar com o gigante com suas próprias mãos. O escravo parecia ter perdido os sentidos novamente, pois suas pernas estavam dobradas como se não suportassem mais o peso do corpo. Sua cabeça seria um troféu e tanto, pensou Lima. Erguida bem na porta da sua senzala.

Os dois foram caminhando até a casa grande. Na porta, estava Berenice. A velha senhora, que segurava uma vela em sua mão direita, foi caminhando desajeitada até eles.

— A mão de Bastião, senhor. A mão de Bastião caiu. Ela se desmanchou feito galho podre — falou ela, gaguejando.

— Como ele está? — perguntou Lima, suspirando.

— Está dormindo. A febre passou.

O velho entrou e bateu a porta. “Demônio”, gritou ele, lá de dentro.

Brás seguiu para o seu alojamento que ficava ao lado da residência do patrão. O que ele queria mesmo era voltar para o tronco e descontar a sua fúria no corpo do escravo, mas preferiu não desobedecer à ordem de Lima. Despiu-se por inteiro e foi até o banheiro se lavar. O sangue do negro também estava espalhado pelo seu rosto e pelo seu peito, mas era com os olhos que ele mais se preocupava. Ainda ardiam, não tão forte como antes, mas ainda incomodavam um pouco.

Estando limpo e de roupa trocada, enfim deitou-se. Mas não conseguia dormir, pois seu pensamento estava todo direcionado no negro. Num pulo levantou-se da cama. Teve a impressão de ter ouvido algum barulho do lado de fora. Logo essa impressão se transformou em certeza, pois novamente ouviu o mesmo som. Pareciam passos. Pegou a espingarda e caminhou lentamente até à porta. Abriu-a parcialmente e espiou pela brecha. Não conseguia enxergar direito, pois de repente seus olhos voltaram a arder, mas teve a impressão de ter visto um vulto. Algo que se assemelhava a um homem imenso. Prontamente seus pensamentos se reverteram ao negro.

Decidiu sair. Do lado de fora, ele forçava a vista para enxergar no escuro e novamente teve a impressão de ver algo se movendo. Brás estava confuso, como nunca estivera antes, então tomou uma

atitude desesperada. Atormentado por seus pensamentos decidiu ir até o tronco conferir se realmente o negro estava lá ou fugira. “Ele estava quase morto”, pensou. Mesmo assim pôs-se a correr pela escuridão.

Porém não foi preciso caminhar até onde o tronco estava fincado. Antes mesmo de chegar lá, Brás pôde ver que o corpo do negro havia sumido. Então, voltou correndo aos gritos. Todas as velas e lampiões da casa grande e da estalagem dos trabalhadores foram acesos e o povo já começava a correr para as janelas, para saber o motivo da gritaria. Brás estava ensandecido e quase não podia controlar seus nervos. Seus olhos ardiam cada vez mais.

Ao chegar em frente ao seu quarto não notou nada de estranho de início. Mas logo depois, percebeu que a porta estava aberta. E ele a havia encostado antes de sair. Entrou no aposento, bem devagar. O local estava escuro e silencioso, mas ele podia sentir a presença de alguma coisa ali. O vulto apareceu de novo bem à sua frente e sumiu rapidamente. Seus ossos tremeram. Sua visão estava falha, tanto pela escuridão como pela dor, mas o seu fardo de perseguidor não o havia abandonado, não ainda. Notou algo se mexendo por trás da cortina da janela e atirou em sua direção. O corpo caiu inerte, enrolado no tecido.

Naquele momento, todos os que viviam no engenho estavam na frente do quarto de Brás, para saber o que estava acontecendo. Todos, inclusive Lima, com a sua espingarda.

— Que diabos foi isso, homem?

— O negro, senhor. Ele fugiu do tronco e veio aqui, mas eu peguei ele.

— O negro? Deixe-me ver isso.

Brás sentou-se no batente que dava acesso ao seu quarto. Estava aliviado com a morte do negro, mas algo de estranho ainda o perturbava. Mais ainda do que seus olhos. Foi aí que um grito veio de repente lá de dentro. Era Lima. Brás reconheceu a voz e virou-se.

O velho trazia em seus braços o corpo do seu filho todo coberto de sangue e enrolado numa cortina. Deitou-o no chão e sacou a arma que trazia pendurada em seu ombro. Mesmo sem enxergar direito, Brás pôde ver quem era o alvo. “Miserável”, gritou o velho, antes de disparar.

Ninguém dormiu naquela noite. Uma vigília foi feita em frente à casa grande para rezar pelo filho do senhor de engenho. Foi uma longa madrugada, parecia que o dia nunca mais iria nascer. Mas o sol veio e trouxe com ele uma luz intensa. Não fosse aquele um dia triste, seria festejado pelas crianças e até mesmo pelos adultos.

Lima não saía de casa até então. Havia passado a noite ao lado do corpo do filho. Mesmo sem receber as ordens diárias, os empregados se puseram a executar suas tarefas normalmente. De repente, Berenice surgiu à porta do casarão. Chamou três empregados e ordenou que eles retirassem o corpo do negro do tronco. Os homens odiaram receber aquela ordem, mas não se recusaram a cumprir. Segundo entenderam, Brás atirou em Antonio achando que ele fosse o negro. Esse estranho fato fazia com que eles estivessem assustados.

Mas o corpo do escravo estava lá. Acorrentado no tronco e imóvel. Um cheiro de podridão tomava conta do ar e era levado pelo vento por todo o local. Era certo que estava morto, mas um

dos homens comentou que o cheiro não podia vir dele, pois morrera há pouco. O mesmo tomou coragem e foi conferir de perto.

— Está morto de verdade — informou aos outros. E sim, o cheiro era do negro.

Então notaram que mais uma pessoa havia chegado ao local. Com uma aparência horrível e desolada, Lima surgiu. Como se não notasse a presença de seus empregados, passou por eles e caminhou com dificuldade para perto do corpo do gigante. Arrastando sua perna, como se pesasse mais do que nunca.

Fitou o corpo por alguns segundos e então esticou a mão e virou a cabeça do negro para si. Era a mesma cabeça da praça, ele podia se lembrar nitidamente. A mesma cabeça, porém apodrecida. Caiu em prantos, e ao respirar, engoliu o ar fétido que ela exalava.

QUEM AMA NÃO TEM CORAÇÃO

1711

Havia muitos peixes mortos espalhados pela areia da praia, naquela noite. Cada onda que vinha até a beira trazia uma dúzia deles, de todos os tamanhos e espécies. Mas apesar daquele banquete oferecido pelo mar, nenhuma gaiivota se aproximava. Um cheiro podre infestava o ar, carregado pelo vento forte que anunciava a tempestade se aproximando. Os primeiros raios já surgiam no céu.

Alheio a tudo, Fernando permanecia em pé, ao lado de um pequeno baú de madeira. O vento levantava os grãos de areia e os jogava em sua direção. Imóvel, ele observava o navio ancorado a poucos metros dele.

Alguns tripulantes já haviam desembarcado e vinham até à praia em um pequeno barco. O vento soprava mais forte agora, fazendo um som que lembrava um longo assovio. O barco quase virou, em duas ocasiões. As ondas estavam enormes, mas os marinheiros conseguiram se manter em direção à praia.

Quando chegaram em terra firme, um deles foi rapidamente ao encontro de Fernando. Ele demorou um pouco para entendê-lo. O homem, além de falar rápido, estava muito cansado por conta do esforço que fizera. Sua feição era de raiva.

Fernando pediu para ele se acalmar. O homem colocou a cabeça entre as pernas e tentou recuperar a respiração.

Seus três companheiros de viagem se aproximaram. Eles estavam inquietos. Piratas eram sempre desconfiados, mas esses pareciam com medo. Olhavam para além da praia, onde a enorme mata de manguezais parecia tomar vida com os ventos sacudindo as folhas das árvores. Um dos homens falou algo como “fantasma”, se Fernando o entendeu bem.

— Você sabe o que fez? Você trouxe maldição para meu navio — disse o líder, olhando-o de frente.

Fernando apontou para o baú que estava junto aos seus pés. O homem o abriu e conferiu o conteúdo. Moedas de ouro, várias.

— Eu lhe alertei sobre o perigo, Moraes.

— Seis homens morreram, Fernando. Por isso vamos negociar novamente o preço.

— Nada disso. O valor acertado está aí. Imagino que minha encomenda está dentro daquele barco.

— Acha que eu sou idiota, mascate? Deixei a besta no navio. Vai tê-la quando me pagar. Quero o triplo do combinado.

— O preço já foi acertado.

— Seis homens, mascate. Minha tripulação morreu. Eu quero três vezes mais que isso — disse, sacando a arma.

— Não me chame disso de novo — intimou Fernando.

Os piratas cercaram Fernando. Dois com facas nas mãos, o outro com um porrete de madeira. Ele permaneceu calmo. Olhou para todos eles, um por um, olho no olho. Em seguida jogou-se no chão, pondo-se de joelhos. No mesmo segundo uma

flecha penetrou no olho esquerdo de um dos piratas. Uma dezena de homens veio correndo de dentro do mangue, atacando, antes que os piratas pudessem esboçar alguma reação, ou até mesmo fugir. As flechas cortavam o ar e mais um foi atingido no rosto. O outro, no pescoço. Moraes disparou sua arma em direção da floresta, mas o tiro foi em vão. Uma flecha atingiu sua coxa direita e ele caiu.

Os homens caminharam até Fernando.

— Eu sabia que eles iriam nos trair — disse um deles.

— Está no navio, Jorge. Temos que ir até lá.

— Outros piratas estão no navio, Fernando.

— Sei disso. Por isso meu amigo Moraes ainda respira.

O pirata foi carregado até o pequeno barco. Junto com ele, embarcaram Fernando e mais três homens. Três de seus melhores capangas, Elias e Jorge, e um índio, que era chamado apenas pelo apelido de “índio”.

— Temos que agir rápido — disse Fernando.

— Não tem problema, senhor. Estamos seguros, longe do porto.

O barco sacudia nas ondas. Em meio ao som do vento, pode-se ouvir uma gargalhada. Era Moraes quem ria. Ao sinal de Fernando, o índio chutou sua barriga e então ele parou.

Quando encostaram ao lado do navio, viram três homens lhes apontando armas e facas, e gritando. Elias levantou a cabeça de Moraes pelos cabelos e encostou uma faca em seu pescoço. As armas foram abaixadas e uma escada de corda jogada em direção ao barco.

O embarque foi rápido. Mesmo com a perna ferida, Moraes subiu ao navio com a destreza esperada de um marujo, mas logo

que estava a bordo jogou-se no chão no convés e pediu ajuda aos seus homens para retirar a flecha.

— É bom seus marinheiros não tentarem nada — Gritou Jorge.

No meio do chão do convés havia uma porta enorme fechada com um cadeado. Fernando quebrou a tranca com uma pisada e mandou que seus homens a levantassem. Mesmo para três homens fortes o peso daquele pedaço de madeira era enorme e ele não conseguiram abrir o compartimento. Então os três piratas foram até a porta, e com a ajuda deles, ela foi erguida.

Um cheiro azedo saiu de dentro do enorme porão. Todos os homens se afastaram enojados, menos Fernando. O índio, que até então aparentava ser o mais calmo de todos, entrou em um visível estado de desconforto. Começou a falar sem parar, na sua língua nativa, e se distanciou o quanto pôde da entrada do porão. Os outros homens começaram a ficar assustados. Moraes começou a rir alto de novo.

— Cale a boca — Gritou Elias, sacando a faca.

O índio agora estava encolhido num canto do convés com a cabeça enfiada entre os joelhos. O navio sacudia, com a força das ondas.

Dentro do porão a escuridão era quase que total. Mesmo com a porta aberta, só a entrada do compartimento estava iluminada. Tinha mais ou menos dois metros e meio de profundidade. Fernando desceu vagarosamente por uma pequena escada que havia do lado direito do alçapão. Elias e Jorge ficaram na beira do porão, acompanhando seu patrão com os olhos atentos a qualquer surpresa.

— Não atirem. Não importa o que aconteça — Falou Fernando.

— Boa sorte, mascate — Gritou Moraes, do convés.

Fernando sumiu parcialmente nas sombras. Tudo o que seus homens conseguiam ver era parte das suas costas.

O chão estava todo coberto de areia vermelha. Junto com a terra, havia sangue. Restos de corpos humanos completavam o cenário. Muitos ossos, alguns ainda com carne.

À sua frente algo se moveu então ele pôde ver alguém sentado a pouco mais de três metros à sua frente. A figura foi se levantando lentamente. Estava presa pelos dois tornozelos a duas correntes que se estendiam ao final do porão, onde a visão de Fernando não podia alcançar. Já de pé, o vulto veio em sua direção vagarosamente, mas parou pouco antes do local onde a luz da lua entrava. Os homens lá de cima só conseguiam ver uma silhueta de mulher, escondendo-se na penumbra.

Fernando lhe deu as costas. A mulher das sombras tinha uma respiração forte.

— Sabe como foi difícil achar você? — Perguntou ele, ainda de costas.

Ela não respondeu. Sua respiração diminuiu de intensidade.

— Contratei piratas de todos os lugares. Muitos não voltaram.

O barulho cessou por completo. A mulher deu um passo a frente. O suficiente para deixar seu rosto a mostra. Uma jovem, de olhos azuis e longos cabelos loiros, sorria. Mesmo vestida em trapos sujos, possuía uma aparência angelical.

— Tudo isso por amor? — perguntou ela, sorrindo.

Fernando virou-se numa velocidade incrível e acertou-lhe um soco que a jogou de volta às sombras.

— Tudo isso por ódio — gritou.

No convés do navio, Jorge e Elias caminharam alguns passos para trás da entrada do porão. Moraes já não sorria mais, tinha agora os olhos arregalados.

— Essa peste matou bons homens do mar — Disse ele, olhando em direção aos capangas de Fernando.

— Um monstro. Não é uma mulher. Um monstro — Falou um dos piratas.

— Quem é ela? Onde a acharam? — perguntou Jorge.

— Não sei quem é. Fernando não disse, só nos mostrou um antigo quadro dela. A encontramos numa ilha onde os negros escravos fazem feitiços com galinhas. Mas procuramos em muitas ilhas antes e em todas ouvimos histórias — Respondeu Moraes.

— Lugarú. É assim que a chamavam — disse um dos piratas.

— Ou de Alamoá — falou o outro.

— Muitos nomes. Todos amaldiçoados — completou Moraes.

Moraes rasgou a perna de sua calça e um dos piratas jogou água doce em sua coxa. Em seguida, lavou o ferimento com aguardente e pôs um pano limpo em cima. Nenhum dos homens de Fernando perguntou nada, mas ele começou a falar sabendo que não seria interrompido. Os olhos deles não negavam que estavam curiosos.

Contou que durante a sedição, eles e seus homens estavam desembarcando rumo a Salvador para ficarem longe do conflito. Fernando surgiu então no porto, sozinho, e contratou-os para perseguir uma mulher que tinha fugido. Deu-lhes um retrato e um mapa. Ele acreditava que a mulher seguiria aquela rota descrita no papel. Eles seguiram o mapa durante um mês, e em cada porto iam recolhendo pistas e histórias.

Ao chegar no porto da ilha dos escravos e perguntarem sobre a moça, os pescadores os levaram até uma fazenda onde vivia uma velha negra. Ela os levou até uma cabana onde a moça estava. A velha disse que ela não conseguia sair de lá porque havia areia espalhada ao redor da cabana.

Moraes disse que a moça estava sentada no chão e quando a velha gritou, ela levantou a cabeça. A negra então pediu que um dos homens atirasse em um cachorro que estava amarrado numa árvore.

Em seguida ordenou que o animal morto fosse atirado dentro da cabana. A moça arrastou-se até o bicho e começou a mexer em seus pelos. A velha disse que ela estava enfeitiçada e que os homens podiam amarrá-la. Não haveria perigo enquanto ela não tivesse terminado de contar todos os pelos do cão.

Na viagem de volta, homens que tentaram alimentá-la e um infeliz que quis abusar de seu corpo, foram mortos. Não matava na forma de mulher e sim na de animal.

— A velha nos fez prometer que nós a queimaríamos — disse Moraes.

— E ao invés disso, nós a trouxemos aqui. Por isso caímos em desgraça — falou um dos piratas.

O índio ainda estava no mesmo lugar e na mesma posição. Ele tremia agora, e os homens sabiam que não era de frio. Nessa hora ouviu-se um trovão.

A mulher agora estava inquieta. O som da sua respiração voltou ainda mais alto e fazia agora um ruído parecido com um assovio, pondo a língua para fora da boca.

— Morra! — gritava, enquanto corria pela escuridão, até onde as correntes lhe permitiam.

— Você fugiu de mim.

Ela parou num canto do porão.

— Você me deixou só, para guerrear naquela maldita sedição. Não posso viver junto com eles. Me deixe ir.

— Eu estava protegendo nossa casa — disse ele.

— Minha casa nunca foi aqui.

Moraes levantou-se com dificuldade, se apoiando nos ombros de seus marujos, e caminhou até um pequeno caixote onde se sentou. Os homens de Fernando voltaram novamente para a entrada do porão. O índio agora caminhava assustado pelo convés, falando sem parar e apontando para o alçapão. Quando Elias e Jorge perceberam, ele já havia se jogado dentro do porão.

A mulher caminhava novamente para perto de Fernando quando o índio despencou em sua frente. Ela o puxou para dentro das sombras, tão ágil como um animal selvagem pega sua presa.

— Não atirem — gritou Fernando ao olhar para cima e ver que seus homens sacaram as armas.

O índio deve ter gritado com toda a força dos seus pulmões, pois aquele grito fora o último. A mulher não ficava mais escondida na penumbra. Caminhou até onde estava claro o suficiente para que todos a vissem. Agora, sua pele era enrugada. Não como a de uma velha e sim como a de um cadáver e tinha uma cor amarelada. Seus cabelos loiros eram agora pretos como a noite. Suas pernas tortas e peludas como as de um bode. Havia cascos no lugar de pés.

Trazia o índio agarrado pelo pescoço. Os olhos dele expressavam algo mais forte até do que o pavor. A mão esquerda, a que antes empunhava uma faca, havia sido decepada, e o sangue se espalhava pelo chão.

— Me solte, ou o pagão morre — gritou ela.

— Acha que sua alma vale a mesma coisa que a de um selvagem?

Aquilo bastou. Ela viu em seus olhos, que Fernando não iria aceitar a troca, e rasgou a garganta do índio com suas unhas.

E então as asas, antes as únicas partes de seu corpo que ainda estavam escondidas nas sombras, cortaram o ar sujo do porão com um bater ensurdecedor.

— O que quer de mim? — gritou, como um rosnado.

Fernando olhou para cima. Seus homens o observaram esperando qualquer ordem, menos aquela que foi dada.

— Fechem a porta.

Jorge e Elias estavam estarecidos.

— Vocês ouviram seu mestre — Falou Moraes. E fez sinal para que os piratas ajudassem os dois.

Depois que a enorme porta foi fechada, apenas alguns raios de luz passavam através das pequenas frestas do convés. O porão ficou quase todo escuro.

— Você diz que me odeia — disse a mulher. — Eu digo que não. Ninguém faz isso por ódio, só por amor.

— Pense o que quiser — disse ele, friamente. — A mim já não importa mais, como importava antes.

Os homens no convés ouviram ruídos de madeira se partindo, correntes sendo sacudidas e gritos que podiam ser de algum animal,

mas nenhum que conhecessem. De repente a porta do porão foi aberta num único impulso, como se um forte vento a tivesse empurrado para cima. Fernando surgiu com as roupas rasgadas e sujas de um sangue escuro. Sua mão direita estava enrolada num trapo.

— Ainda quer seu baú de moedas, pirata? — perguntou, olhando em direção a Moraes.

Ele acenou que sim com a cabeça.

— Recolha o que sobrou do corpo do índio e enrole num pano grosso. Vou levá-lo comigo e lhe dar um enterro cristão.

Um dos piratas caminhou até a beirada do porão e olhou para baixo.

— E a besta? — perguntou.

— Está morta.

— O que faço com o corpo dela, senhor?

Fernando não respondeu.

Jorge desceu até o barco amarrado ao lado do navio e voltou carregando o baú. Sob as ordens de Moraes, os três piratas foram até o porão com lampiões e recolheram o corpo do índio, inclusive sua mão arrancada e a faca. Um trabalho rápido, mais por medo do que por disposição.

Fernando disse que o preço pelo barco que ele iria usar para voltar à praia estava incluído no conteúdo do baú. Nenhum dos piratas reclamou.

Sem se despedir, os três homens, em companhia do índio morto, partiram em direção à terra firme.

Moraes encarou os piratas, dessa vez sem o olhar firme que lhe era peculiar.

— O que vamos fazer com o corpo daquela coisa? — perguntou Moraes.

— Não há corpo, senhor — disse um deles.

— Como assim?

— Não vimos corpo nenhum.

— Desçam e olhem de novo — ordenou Moraes.

Os homens voltaram à escuridão do porão dessa vez armados com arpões.

As gaivotas agora lotavam a praia e devoravam os peixes. Quando o barco encostou na areia da praia, uma nuvem branca revoou tomando conta do céu nublado.

— Assustamos mesmos os pássaros — disse Jorge, com um sorriso infantil no rosto.

Os homens que ficaram esperando na praia vieram até eles. Fernando ordenou que eles retirassem o corpo do índio.

Na beira do porão, Moraes segurava um lampião e observava seus homens. Eles vasculhavam o chão e sempre que achavam algo, mostravam a seu chefe. Até aquele momento, tudo que Moraes tinha visto foram restos de panos, lascas de madeira e os elos das correntes que prendiam a mulher.

Fernando caminhava em direção ao mangue junto com Elias e Jorge, quando de repente parou, e ergueu sua mão esquerda. Em seguida veio um grito de dor.

— Posso ver seu ferimento, senhor? — perguntou Jorge.

— Por acaso és médico?

— Meu pai era barbeiro. Me ensinou algumas coisas. Posso ver, senhor? — disse Elias.

— Não é nada. Vou ficar bem.

Os piratas subiram rapidamente pela escada. Um deles carregava algo enrolado num pano. Ao chegar ao convés, jogou o pacote no chão.

— Isso fede — disse, esfregando as mãos na camisa.

Moraes pôs o lampião no chão e retirou o pano. Dois longos dedos unidos por um pedaço de carne, ainda com sangue escorrendo. Dois dedos amarelos, enrugados e com garras negras.

— Joguem essa porcaria no mar e icem a âncora — ordenou. E a tempestade, enfim, chegou.

OS DENTES DOS MORTOS

1817

Vivi muitos dias na Casa dos Expostos, mas mencionarei apenas o último. Acordaram-me bem mais cedo do que de costume. Nem havia amanhecido ainda, quando me acusaram de roubo. Gritos e palavras hostis, das quais não me lembro, nem me importei na hora.

Recebi ordens para me despir e sair do quarto. Dois guardas revistaram minhas coisas, sob o olhar atento do padre. Não tiveram muito trabalho, pois só havia um par de chinelos, duas calças e três camisas, todas encardidas e remendadas. De resto, apenas o colchão velho e rasgado, que foi sacolejado fortemente na esperança de sair alguma coisa de dentro dele.

— Diga onde escondeu as moedas, canalha — ordenou o guarda, segurando o rabo de galo.

— Não sei de moeda nenhuma, senhor — respondi.

Eu fingia muito bem, já naquela idade.

Padre Rocha me encarava. Ele tinha absoluta certeza de que eu era o único dos internos com coragem e audácia para invadir seus aposentos. Eu conhecia bem o cômodo. Quando pequeno passei algumas noites lá, como seu animal de estimação. Sempre que olhava para aquele cofre no canto da parede, eu sabia que ele me seria útil um dia.

O vigário se aproximou de mim e falou alguma coisa que não entendi, mas pelo seu olhar não foi coisa boa.

Assim, sem provas, fui dispensado da revista e liberado para ir embora. Muito a contragosto dos guardas e do padre, lógico. Era meu aniversário de 18 anos, segundo alguém achava, pois certidão eu não tinha. Mas, como disse, não vou mencionar os outros dias em que vivi no abrigo.

Chovia naquela manhã e as ruas e vielas da província estavam cheias de lama. Caminhei até o beco do Tambiá com meus trapos em uma sacola de pano. Mesmo àquela hora da manhã, o baixo meretrício da cidade ainda abrigava alguns bêbados que haviam virado a noite.

Um deles, com modos afeminados, aproximou-se de mim. Alguns afagos depois, eu estava de posse de seu relógio de bolso, prateado e com detalhes vermelhos, e de algumas notas de pequeno valor, que me valeram um rápido café da manhã.

Saí da padaria e caminhei em direção ao sobrado que ficava logo à frente. Um homem gordo, cujo nome não me recordo agora, estava sentado na calçada. Ele me olhou dos pés à cabeça, antes de falar.

— Castro me avisou que vinha — disse ele.

— Algum recado pra mim? — perguntei.

— Sim, mas primeiro suba e guarde suas coisas. Tem um quarto para você lá em cima.

Entrei no sobrado e subi às escadas.

— Não mexa com as mulheres, a não ser que vá pagar — gritou o gordo, lá debaixo.

Havia várias meretrizes no corredor no primeiro piso. Nenhuma me olhou.

Não me lembro do nome do homem gordo, mas já nos conhecíamos. Algumas vezes eu conseguia sair do abrigo durante a noite e me encontrava com Castro na rua do Sol. Eu me reunia com ele e alguns rapazes para praticar pequenos roubos na região. O gordo estivera presente na maioria das vezes, mas nunca conversamos muito.

Abri a porta do cômodo e a primeira imagem que me veio à cabeça foi o quarto do abrigo. Não que esse fosse grande coisa, mas não cheirava a mofo e nem era úmido. Fui até o banheiro e me despi. Então, após me colocar agachado próximo ao urinol, fiz força para defecar.

A primeira moeda saiu alguns instantes depois. Uma moeda grande, que doeu muito para expulsar de dentro de mim. Para tirar as outras duas precisei enfiar os dedos e puxá-las. Lembro-me de ter rido com aquela visão. Três moedas de ouro misturadas às minhas fezes catíngosas.

Não sei de onde vieram, mas o padre as guardava no cofre, que durante muito tempo eu achei que abrigava as doações à igreja. Três peças meio quadradas e não completamente redondas como a maioria das moedas. Já que eram elas que jaziam lá e não dinheiro dos bons devotos, Deus havia de me perdoar. Foi o que pensei na época, sem me dar conta do que viria.

Após me lavar, troquei de roupa e vesti minha outra calça e uma camisa que estava menos estragada. Desci as escadas e me deparei com o gordo em pé na entrada no sobrado. Entreguei-lhe a chave do quarto e, ao seu sinal, o segui pela rua ainda cheia de lama.

Caminhamos em silêncio durante dez minutos.

— Você saiu hoje? — Perguntou-me, então.

— Sim!

— O que você combinou com Castro?

— Nada, para falar a verdade. Ele só me disse para procurá-lo — respondi.

— Vamos encontrá-lo em Santo Amaro das Salinas. Já foi lá alguma vez?

— Sim!

Eu já havia ido lá umas três ou quatro vezes. Costumava frequentar o cemitério dos estrangeiros. Não para orar por ninguém, é claro. Um dos vários serviços que eu fazia a mando de Castro era violar sepulturas. Lembro-me de retirar, com extrema precisão, alguns dentes de ouro dos defuntos. A maioria dos ladrões que andavam comigo se recusavam a profanar os túmulos, mas eu nunca me importei com isso. Lembro-me de me divertir vendo as caveiras sorrindo com seus dentes dourados. Pelo menos a mim, suas bocas escancaradas se pareciam com sorrisos. Aquela visão me perseguiu até em alguns sonhos. Agradava-me a idéia de trocar meus dentes quebrados e escuros por peças de ouro.

Aquela imagem dourada fez o meu pensamento se voltar para as três moedas que trazia comigo. Pus uma em cada bolso para não baterem umas nas outras enquanto caminhava e fazer barulho. Nada de chamar atenção. Preciso pensar em algum lugar para escondê-las. Não posso negociá-las por enquanto. Tenho certeza que os guardas ainda desconfiam que elas estão comigo e podem estar me seguindo.

Caminho ao lado do gordo, agora na estrada que leva a Olin-
da. Ele respira com dificuldade e sua feição é um porco. Já são quase
dez horas da manhã e o sol está quente demais.

Noto um homem vindo em nossa direção. Um sujeito magro e
alto, vestindo um terno escuro, mesmo naquele calor infernal, além
de um chapéu branco contornado com uma fita preta. Ele caminha
rápido e curiosamente começo a ficar nervoso com sua proximida-
de. Só me acalmo um pouco quando o gordo acena para ele.

— Veio cedo — disse o homem magro.

É um sujeito muito branco e de lábios finos. Sua fala não tem
sotaque, mas ele não parece ser daqui.

— Onde está Castro? — pergunta o gordo.

— No mesmo local de sempre.

O gordo parece nervoso. Começo a ter impressão de que ele
está suando mais do que antes. O homem de terno me olha dos
pés à cabeça. Tento disfarçar minha inquietação, então dirijo meu
olhar para seu chapéu.

— Gostou dele, rapaz? — ele me pergunta.

Faço um sinal positivo com a cabeça e ele sorri.

Vejo que seu dente canino esquerdo é de ouro.

De imediato os sorrisos das caveiras veem no meu pensamento.

— É seu — fala, e então tira o chapéu e o coloca em minha cabeça.

Por um instante penso que ele está falando do dente. Eu agra-
deço e ele nos pede para o seguirmos.

Passamos próximo ao cemitério e caminhamos até uma grande
construção. Dois guardas armados vigiam a porta principal. O ho-
mem de terno pede para esperarmos e vai até eles.

— Nem se ele me pedisse eu iria lá — disse o gordo.

Nesse instante, ele começa a falar mais do que eu já o tinha visto fazer.

— Colocam aí os escravos que chegam doentes. Dizem que é para curá-los, mas ouvi dizer que fica pior. Eles ficam juntos e uns pegam as mazelas dos outros. Eu vi um deles se coçar até arrancar o couro, uma vez.

— Você já entrou aí? — pergunto.

— Nos reunimos, uma vez, numa sala que fica lá nos fundos desse lazareto. Foi nesse dia que eu vi.

O gordo começa a se coçar. Penso que seria melhor mudar de assunto.

— Quem é esse homem de terno?

— O nome dele é Savagi. É amigo de Castro. Estão recrutando pessoas para serviços.

— Que serviços? — pergunto.

O gordo diz que não sabe. Savagi se aproxima com seu sorriso de caveira estampado naquele rosto magro e sem cor.

— Você pode ir — fala ao gordo.

Esse acena com a cabeça e em seguida me olha, num gesto de despedida, mas sem muita expressão. Sigo Savagi em direção à porta do lazareto. Os dois guardas abrem à porta e um odor terrível invade as minhas narinas.

Caminhamos pelo corredor e, de ambos os lados, vejo amontoados de corpos negros.

Imagino pessoas se coçando até arrancar a pele e doenças sendo compartilhadas como um copo d'água ou um pedaço de pão.

Fico tentado a olhar os escravos, mas sinto medo. Cubro o rosto com o chapéu e caminho voltando meus olhos para baixo. Sigo Savagi até o fim do corredor, e então dobramos à esquerda. Desce-mos uma pequena escadaria que nos leva a uma porta de madeira. Savagi bate duas vezes antes de entrar.

Lá dentro vejo três homens sentados em cadeiras de balanço. Em deles eu reconheço, apesar da barba e do cabelo comprido. Castro se balança suavemente na velha cadeira, enquanto fuma um cachimbo. Ele sorri quando me vê, mas não fala nada. Faz um gesto para que eu me sente num tamborete ao lado da porta. Os outros dois homens me olham com indiferença.

A sala é pequena e sem janelas. Sinto-me como numa caixa. O chão é de barro batido e o cheiro de terra me incomoda. Ajeito o tamborete perto da parede e fico quieto. Não entendo nada dos assuntos que se discutem ali, então apenas observo.

Savagi e os outros dois homens esbravejam sobre uma revolução, ou coisa parecida. Eles falam de açúcar, algodão e xingam os portugueses. Meu olhar se volta a Castro. Ele observa a discussão sem se intrometer, mas atento a tudo que é dito. Fico pensando qual o seu papel nisso tudo e qual seria o meu. Falam de lutas armadas e tudo o que eu sabia fazer era arrancar dentes de esqueletos e afanar carteiras de bêbados.

Savagi e os outros dois homens saem de sala. Alguém tranca a porta pelo lado de fora. Castro me olha e dessa vez fala comigo.

— Bonito chapéu — brinca ele.

— Foi o velho alto que me deu — digo.

Castro está bem mais magro. Eu não o via há quase um mês e começo a achar que esteja gravemente doente, pois ninguém

afinaria tanto em tão pouco tempo. Seu cabelo e sua barba também apontavam sinais de moléstia, pois além de grisalhos, eram ralos.

— Eu devia ter ficado de fora disso tudo. Agora sou inimigo do próprio Governador — diz Castro.

Sua frase vem acompanhada de uma mistura de risos e tosse.

— Tenho que ficar trancado nesse maldito porão, de agora em diante. Perto das doenças que trazem das terras dos negros — continua. — Foi o gordo que te trouxe aqui, não? — pergunta.

— Sim. Por que ele não ficou?

— Aquele gordo não serve para muita coisa.

— E quanto a mim? Sirvo para algo? — Tento parecer corajoso e disposto.

Castro se levanta com dificuldade e caminha lentamente em minha direção. Sua feição muda e ele fica sério, de repente. Dá um trago bem forte no cachimbo, antes de começar a falar.

— As moedas, filho. Onde estão?

Levantei-me do tamborete num pulo só e me encostei junto à parede, como um animal acuado. Castro tentou sorrir, numa forma de me acalmar.

— Tudo bem, garoto. Só me dê as moedas. É o melhor para todos.

Eu continuava sem saber o que dizer.

— Padre Rocha sabe que foi você — continuou ele. — Eu preciso devolver as moedas a ele.

Castro então me deu às costas e caminhou lentamente de volta à cadeira de balanço. Eu, enfim, consegui me mexer e me aproximei dele.

— Podemos dividir. Meio a meio — falei, quase implorando.

— Você não entende, garoto. Padre Rocha sabe de tudo e eu lhe devo favores. Foi ele quem me escondeu aqui. Ele também faz parte da revolução que se aproxima — falou, entre uma tossida e outra. — Ele sabia que você viria me procurar, então veio aqui primeiro. Disse para eu reaver as moedas, senão iria me expulsar.

— Não vou devolver. Você me traiu — gritei.

Caminhei em direção à porta e tentei abri-la, forçando a maçaneta. Atrás de mim, ouvi o barulho de uma arma sendo engatilhada.

Quando me virei, Castro já estava mais próximo de mim. Tirei as moedas do bolso e as joguei no chão. Lembro de ter chorado de raiva por conta de tanto trabalho desperdiçado. Castro as observou, meio desconfiado.

— O que iria fazer com todo esse ouro, garoto? — perguntou ele.

— Colocar dentes novos. Dentes de ouro — respondi sem nem saber a razão.

— Não seria boa idéia. Não com esse ouro.

Castro mandou eu me afastar e apanhou as moedas.

— Por que não?

— O quê? — perguntou ele.

— Por que esse ouro não serve? — indaguei.

— É ouro amaldiçoado do tempo dos Flamengos. Ouro maldito de botija. Não ia querer ele na sua boca — ele riu, rouco e sem fôlego, como um cachorro tossindo.

Sim, eu queria. E agora, depois de ter passado tanto tempo com elas, o ódio que eu sentia por perdê-las daquela formar me consumia.

Nesse instante, começou uma balbúrdia do lado de fora. Não dava para entender direito, mas percebia-se que algo fora do normal estava acontecendo. Castro caminhou até a porta e colocou seu rosto colado nela, no intuito de escutar alguma coisa. Aproveitei esse instante de distração para tentar rendê-lo. Mas quando corri em sua direção, ele percebeu e se virou para mim.

Felizmente, fui rápido o bastante para afastar sua mão, que já me apontava a arma. Segurei seu braço com a mão direita e com a esquerda tentei apertar seu pescoço. Ele se desvencilhava para um lado e para outro. Apesar de sua aparência fraca, seu corpo ainda guardava alguma vitalidade.

A luta durou alguns segundos, até que Castro me empurrou em direção à cadeira. Caímos juntos, ele por cima de mim. Durante a queda, devo ter perdido o apoio e soltado o seu braço. O tiro me atingiu na altura da barriga.

Rolei para o lado atordoado com a dor. A areia grudava em meu rosto por causa do suor e das lágrimas. Observei Castro tentando se levantar, seu braço esquerdo estava quebrado. Parecia com um braço descosturado de um boneco de pano, balançando de um lado e para o outro.

Ergui-me ainda tonto com a dor, mas cego pelo ódio, corri em sua direção e o joguei de bruços no chão. Em seguida agarrei seu pescoço e só o soltei quando suas pernas pararam de se debater.

Apanhei as moedas em seu bolso e as fitei enquanto estavam na palma da minha mão. De um lado um grande W, acompanhado de outras letras que o tempo havia apagado. Do outro, podia-se ler 1645. Há muito tempo elas esperaram por mim e eu por elas.

O sangue que escorre e encharca minhas roupas é escuro e grosso. Sei que não tenho muito tempo. Então as engulo. Dessa vez, elas descem suavemente pela minha garganta, misturadas a sangue e saliva.

O que me lembro a partir daí é muito pouco. Homens fardados arrombam a porta. Ainda de joelhos recebo mais dois tiros e caio para trás. Penso nas caveiras com dentes de ouro e tenho medo.

Mais de um ano depois, estou tomando uma taça de vinho numa confeitaria. Uso um terno marrom e um chapéu branco contornado com uma fita preta, que acabei de comprar. Uma senhora passa por mim e pergunta se tenho horas. Puxo de dentro do paletó um relógio com detalhes vermelhos e respondo sorrindo. Meus dentes dourados brilham e a senhora me devolve o sorriso.

É mês de São João e alguns garotos soltam bombinhas nas ruas. Os sons de algumas lembram tiros. Iguais aos daquela tarde de março.

Depois que fui baleado, eu acordei, se assim posso dizer, pois não sei se dormi ou morri, embaixo do chão. Não sei quanto tempo se passou. A terra era preta e fria. Eu estava enterrado a menos de um metro, por isso não tive que cavar muito para sair. Vomitei areia um bom tempo, mas estava aliviado por sentir o vento de novo e poder respirar.

Ao meu lado haviam outras covas recém fechadas. Algumas mal feitas, tanto que alguns corpos estavam parcialmente do lado de fora. Levantei-me com dificuldades, pois minhas pernas tremiam. De resto, tudo bem. Não tinha cicatriz de nenhum dos tiros que levei. Observo meu corpo, espantado, tomado ao mesmo tempo por pavor e alívio.

Ao meu lado observo uma construção de pedra com uma cruz no topo. Caminho me escorando nela por alguns instantes. Piso em coisas, enquanto ando que penso ser mariscos, já que estou perto do mar. Mas assim que olho com mais atenção vejo que são ossos. Até onde minha vista alcança vejo o forte do Brum. E então caminho de volta à cidade.

Passsei um tempo escondido com os carmelitas do mosteiro, fingindo-me de mendigo, se é que eu não fosse naquela época. Soube que Castro foi enforcado junto com alguns padres, após o término da revolução.

Assim que encontrei alguém que negociava ouro, nesse caso um velho português, vendi as moedas por uma pequena fortuna. Na verdade, duas delas. A terceira, transformei em dentadura.

O ferimento à bala que eu tinha na barriga sarou por completo, porém o sangue do meu fígado formou uma mancha roxa em torno do local. Às vezes tenho a impressão que ela está aumentando, mas não tenho certeza.

ONDE AS ALMAS ESPERAM SUA VEZ

1840

O pequeno Assis chegou em casa atrasado de novo. Ele, então, abriu a porta bem devagar, na esperança de sua mãe não perceber. Mas Adelaide estava sentada no sofá, com uma xícara de café na mão. Ela não estava zangada, nunca se zangava com o filho, estava apenas preocupada. Os atrasos ficaram cada vez mais frequentes nas últimas semanas.

— Pode me dizer onde estava até essa hora?

— Na praça — respondeu o menino, com a cabeça baixa.

— De novo? — perguntou Adelaide, colocando a xícara de café sobre um pequeno móvel que ficava no meio da sala.

O menino manteve-se quieto e com as mãos colocadas para trás.

— Suba e troque de roupa. Vou pôr a sopa na mesa — mandou ela.

O garoto subiu as escadas do sobrado correndo, antes que a mãe se arrependesse de não ter brigado com ele.

Adelaide pegou a xícara, levantou-se e foi até a cozinha. O fogo já estava aceso, então ela colocou o caldeirão com a sopa de feijão para esquentar. Voltou à sala para preparar a mesa. Forrou uma toalha e colocou pratos e colheres. Sentou-se na ponta e ficou esperando Assis descer.

Bem ao seu lado, ficava uma estante com alguns vasos com flores, uma bíblia e um portarretrato com a foto de seu marido. Ela pensava muito mais nele nos últimos dias. Queria que ele estivesse lá para cuidar de Assis. Sonhou muito com ele nas últimas noites.

O menino desceu as escadas. Ainda estava desconfiado com a mãe, por isso sentou-se à mesa sem dizer nada. Adelaide foi até a cozinha, pegou o caldeirão e serviu os dois pratos. Havia trazido também dois pães em uma pequena cesta de palha.

— Meus amigos gostam de sopa. Eu disse que iria tomar hoje e eles disseram que gostavam, mas as mães deles não fazem mais — falou Assis, meio sem jeito.

Adelaide olhou para ele e sorriu.

— Seus amigos da escola? — perguntou ela, passando a mão nos cabelos dele.

— Não. Meus amigos da praça.

Ela afastou o prato e limpou a boca com um guardanapo.

— Hoje eu passei na praça umas três vezes, Assis. Você diz que moram crianças lá. Como eu nunca as vi?

— Eles disseram que você é muito bonita.

— Pensei que eles não gostavam de mim.

— Eu disse que amava muito você. Eles gostam agora — respondeu ele.

Adelaide sorriu de novo.

— Termine a sopa — falou.

Os dois continuaram em silêncio até o fim da refeição.

— Conta uma história para eu dormir? — pediu o menino, quando já estava de pijamas e embaixo dos lençóis.

Adelaide estava terminando de guardar a colcha da cama no armário.

— Qual você quer ouvir? — perguntou ela, ainda de costas.

— A dos soldados.

Ela se virou e caminhou até a cama.

— Qual é essa? Não me lembro — disse, depois de sentar perto do filho.

Ele se ajoelhou no colchão e colocou sua pequena mão na testa, numa intenção desajeitada de bater continência.

— Fora os coluna e castigo de espada. Fora o brigadeiro e o marinheiro. Viva o Senhor Dom Pedro. Viva o brasileiro.

Adelaide levantou-se bruscamente e ficou de pé, com as mãos pressionadas contra o peito. A voz do menino pareceu, por alguns instantes, com a do pai dele.

— Onde ouviu isso? — perguntou, com um tom de voz áspero.

O menino ficou calado e começou a fazer cara de choro. Então ela se aproximou e o abraçou.

— Tudo bem — Disse, beijando-o no rosto. — Agora vá dormir.

O menino obedeceu. E graças à boa vontade de sua mãe, o lampião ficou aceso. Ela pensara em apagá-lo, quando ele caísse no sono. Mais tarde, Adelaide voltou ao quarto e remexeu em suas roupas. Achou dois papéis e os guardou. Olhou para o filho dormindo e não teve coragem de apagar o lampião.

No dia seguinte, Assis saiu cedo para ir ao colégio. Adelaide estava de saída para fazer as compras do dia. Assim que fechou o portão, sua vizinha lhe chamou. Em meio a vários pedidos de desculpas, a mulher lhe deu um envelope. Ela disse

que tinha recebido no dia anterior, mas havia se esquecido de entregar.

Adelaide sorriu e acalmou a velha senhora, dizendo que a perdoava e que estava tudo bem. Em seguida, voltou para dentro de casa. Abriu o envelope e leu a carta sentada na escada que levava ao primeiro andar do sobrado. Depois, chorou de alegria.

Ela passou o dia costurando e pensando em seu marido. Iria à Igreja naquela noite, agradecer por suas preces terem sido ouvidas e aproveitaria para falar com o padre sobre Assis. Levaria consigo os desenhos que tinha encontrado nos bolsos da calça do menino.

A igreja não estava muito cheia. No meio de semana, só os mais devotos iam à missa. Próximo ao altar, Assis passava de um lado para o outro carregando o defumador e ajudando na distribuição das hóstias. Adelaide sempre ficava orgulhosa quando via a cena. Seu marido também ficaria, pensou ela. Não via a hora de ele voltar.

Ao final da missa algumas pessoas foram conversar com padre Alfredo. Adelaide já havia mandado um recado dizendo que gostaria de falar com ele em particular.

Enquanto esperava, ela caminhou até o pátio da Igreja e sentou-se num banco de mármore. Assis brincava com outros dois coroinhas, jogando pedras num arbusto próximo ao muro. Ainda usava a roupa da missa. Um tipo de veste branca e dourada, que se parecia com uma batina.

— Cuidado para não sujar a roupa — gritou Adelaide, mas o menino não ouviu.

— Isso é o de menos. Tenho receio é pelas minhas plantas.

Adelaide levantou-se, mas padre Alfredo fez sinal para que ela se sentasse de volta. Ele próprio sentou-se com dificuldades. Além de velho, sofria de artrite.

— Boa notícia hoje, não foi?

— Meu Deus, padre. Não contei a ninguém. Como o senhor ficou sabendo? — perguntou, assustada.

— Você acha mesmo que Maria do Carmo iria passar uma noite inteira com uma carta, e resistir à tentação de não a ler — respondeu ele, rindo.

— Que mulher intrometida — resmungou Adelaide.

— Não fale assim, minha filha. Ela é boa pessoa. Deu-me a notícia com um sorriso no rosto. Disse que queria lhe ver feliz.

Adelaide sorriu e beijou a mão de padre Alfredo.

— Ele chega depois de amanhã — disse ela.

— Vai recebê-lo no porto?

— Não, padre. Ele não quer que eu vá. Ele tem o endereço da casa nova e disse para eu o esperar lá.

— Assis sabe?

— Não, senhor. Não vou contar agora, não quero que ele fique ansioso demais.

— Enfim ele vai conhecer o pai. Como é mesmo o nome dele?

Um gato pulou de dentro do arbusto e cruzou o pátio gritando. Os meninos cataram mais pedras no chão e correram atrás dele. Adelaide ainda fez uma menção de chamar seu filho, mas desistiu quando viu que ele não a ouviria mais.

— Tenho andado preocupada com Assis — comentou ela.

— Achei que viria falar comigo bem antes, minha filha.

— Notou algo de estranho nele, padre?

— Eu ia lhe fazer a mesma pergunta.

Adelaide retirou duas folhas de papel amassadas de dentro da bolsa. Esfregou-as em sua perna para esticá-las e entregou ao padre. Ele ajustou os óculos e colocou o primeiro papel numa posição em que enxergasse melhor. Nele, havia um desenho mal feito, típico de arte de crianças. Cinco garotos de mãos dadas. O do meio tinha o nome escrito próximo aos seus pés: Assis.

O segundo papel trazia um desenho parecido com o anterior. Mas desta vez, havia pequenas cruces nos olhos dos bonecos e riscos de lápis vermelhos por cima de seus corpos. Nenhum dos bonecos tinha nome. A não ser uma forma desenhada de preto, com o rosto pintado de vermelho, no canto da folha. Havia a palavra “bicho”, escrita próxima a ele.

— Desenhos de crianças não fazem muito sentido para mim. Fazem para você, minha filha?

— Quem é o bicho? — perguntou ela, mordendo os lábios.

— Não sei. Pergunte ao menino.

Adelaide levantou-se. Dessa vez, padre Alfredo não pediu que se sentasse.

— Ele já lhe falou dos amigos da praça?

— Sim. Mas conte-me o que sabe, primeiro — pediu o padre.

Há duas semanas, aconteceu o primeiro atraso. Assis saía do colégio, sempre as seis da tarde, e ia direto para casa. Ainda havia pessoas na rua e, como era verão, não tinha escurecido por completo àquela hora. Por isso Adelaide deixava que ele voltasse sozinho. Um dia ele só chegou perto das sete da noite. Tinha as roupas

sujuas de barro e disse que se atrasou porque estava brincando com seus amigos na praça.

No outro dia, aconteceu a mesma coisa. Era uma terça e os atrasos prosseguiram até sexta-feira. “Mamãe, os meninos da praça me deram um presente, mas eu perdi no caminho”, disse uma vez o garoto. As histórias sobre os amigos da praça ficavam mais constantes e Assis sempre se empolgava ao contar.

Na semana seguinte, Adelaide aproveitou uma noite enquanto o filho dormia e caminhou até a praça. Alguns guardas faziam ronda pelo local, então ela achou que seria seguro ir lá. Naquele dia, Assis tinha falado que brincara de cabra cega com seus amigos. Não havia sinais de quaisquer pessoas vivendo ali. “Eles moram na praça”, falou seu filho, certa vez. Adelaide ouviu sons estranhos e procurava ver de onde vinham.

— São sapos, senhora. O som se parece com alguém chorando, não é? — disse um dos guardas, que tinha se aproximado.

Realmente se parecia.

— Mora alguém nessa praça? — perguntou ela, tentando não mostrar que tinha se assustado com a presença do homem.

— Desculpa, senhora. Eu não entendi.

— Alguns mendigos, talvez. Alguém mora aqui?

— Não, senhora. Ninguém vive nessa praça — respondeu o guarda, desconfiado com a pergunta.

No dia seguinte foi uma quarta-feira e Adelaide foi à missa. Na volta para casa, Assis perguntou se ela queria ver seus amigos da praça e ela disse que sim. Queria por fim ao mistério. Os dois caminharam até o lugar e então Assis começou a chamar.

— Venham ver minha mãe — gritava ele, para a escuridão.

Adelaide observava curiosa. Assis deu mais um passo e gritou de novo.

— Vamos embora, menino — disse a mãe. — Não tem ninguém aqui.

O garoto caminhava mais e mais para o escuro até quase desaparecer da vista de Adelaide. De repente o som, de sapos segundo o guarda, começou. Do nada o barulho se espalhou por toda a praça.

Naquela altura, seu filho era apenas um vulto no meio das sombras. Adelaide estava parada ao lado de uma grande cacimba de pedra que tinha uma tampa de madeira. Pensou em subir nela para chamá-lo, mas ficou com medo da tampa ceder. Ela já ia segui-lo, mas percebeu que o menino estava voltando. Quando ele chegou perto dela, disse baixinho:

— Eles querem saber se o bicho está com você.

— Que bicho, Assis?

— Eles disseram que você é amiga dele.

— Vamos embora, filho — disse ela, estendendo a mão para a criança.

— Eu queria que eles vissem você — falou ele, segurando a mão da mãe.

— Outro dia — respondeu ela.

Padre Alfredo fez um sinal e Adelaide o ajudou a levantar. Ele pegou em seu braço e os dois caminharam juntos em direção ao portão de saída. Lá de fora, dava para ter uma visão perfeita da praça.

— Como seu amigo, sinto-me na liberdade de fazer essa pergunta. Seu filho sabe que o pai dele está preso?

— Não, padre. Pelo amor de Deus, não.

Padre Alfredo sentiu Adelaide apertar seu braço com força quando ouviu a pergunta.

— Na verdade, ninguém aqui sabe. A não ser o senhor que já o conhecia — disse ela.

— Seu marido era progressista, não?

— Não entendo muito desses assuntos, padre. Mas acho que já ouvi o pai dele falando disso uma vez. O velho era português. Mas o que isso tem a ver?

— Não acho que preciso lhe contar o que aconteceu nessa praça, não é, minha filha?

Ela soltou o braço do padre e deu alguns passos para frente.

— Meu marido não participou do massacre, padre. Eu já disse isso. Ele estava no quartel. Foi preso injustamente — disse ela, de costas para ele.

— Eu sei, filha — falou o padre, suspirando.

— Está me escondendo alguma coisa, padre Alfredo?

— Seu filho disse que um dos meninos da praça mandou uma coisa para mim.

O vigário tirou uma flor do bolso da batina. Um pequeno cravo murcho e se desmanchando.

Numa tarde de setembro, há nove anos atrás, padre Alfredo vestia apenas uma calça de linho velha e cavava covas, debaixo de um forte sol. Ele não sofria de artrite nessa época. Apesar da idade, ainda era saudável. Depois de algumas horas, o cheiro de sangue não irritava mais suas narinas. Apenas as moscas, que pousavam em seu corpo suado, estavam lhe

perturbando. Parecia que quanto mais ele as afastava, outras tantas apareciam.

Alguém lhe ofereceu um copo d'água, mas tinha gosto de barro. Por isso, ele apenas despejou a água em sua cabeça, para diminuir o calor. Provavelmente tinham tirado da cacimba que ficava na praça. Padre Alfredo pensou que em breve ela teria um gosto diferente do de barro. Teria gosto de sangue.

Eram quase quatro horas da tarde e ele já tinha cavado seis covas. Viu quando o corpo de uma criança foi jogado dentro de uma delas. Então ele caminhou até lá. Um homem gordo e careca estava se preparando para começar a enterrá-lo. Antes do gordo jogar a primeira pá de areia, padre Alfredo rezou pela alma do morto e lançou em sua cova, um pequeno cravo branco.

Ele estava com uma sacola cheia deles. Havia comprado quatro dias antes, no bairro de Santo Antonio, justamente quando começou o motim. Na hora em que os soldados atacaram, padre Alfredo trancou-se dentro de uma taberna, junto com mais quatro ou cinco pessoas. Ele não podia dizer ao certo. Do lado de fora ouvia-se gritos e tiros.

Padre Alfredo demorou a perceber o que estava acontecendo. Primeiro ele viu os soldados marchando e gritando, como faziam no quartel. Em seguida, houve correria. Tudo era muito confuso em suas lembranças. Foi o dono da taberna que o puxou pela manga da batina e o jogou lá dentro. Havia uma criança gritando pela mãe. Um menino magro de cabelos pretos.

Ninguém lhe deu atenção, a não ser padre Alfredo. Ele se abaixou perto dele e tentou acamá-lo, mas o menino saiu correndo para

fora. Quando chegou na rua um dos soldados o agarrou pelos cabelos e o arremessou no chão. Trazia uma baioneta em uma das mãos e uma garrafa de vinho na outra. Ele pisou na barriga do menino e enfiou o punhal na espingarda em seu pescoço. Padre Alfredo conhecia o soldado. O dono da taverna, enfim, trancou a porta.

Ficaram três dias lá. Por sorte, o dono do bar tinha comida armazenada e uma bíblia. Padre Alfredo rezava com eles e tentava acalmá-los com palavras alentadoras.

Na manhã do quarto dia, alguém bateu na porta. Era o dono do armazém que ficava em frente. Ele disse que a revolta havia acabado e contou o porquê da turba de soldados terem invadido e depredado a cidade. Muitos foram mortos naqueles dias, inclusive crianças, e estavam sendo enterrados no Sítio do Mondego.

Padre Alfredo disse que queria ajudar e então subiu em uma carroça que estava indo para o local. Quando chegou lá viu muitos corpos amontoados no chão. Ao redor, várias e várias velas acesas. Pessoas procurando por parentes e amigos. Todas em desespero. Ele engoliu a lágrimas e começou a trabalhar.

— Pai do céu. Eu conhecia esse garoto. Não sei o nome dele, nem onde morava, mas me lembro dele — disse o homem gordo com a pá, curvando-se sobre a cova.

Só então o padre notou que o lençol no qual o corpo estava envolvido havia se desamarrado. O rosto da criança estava aparecendo. O buraco não era muito fundo, então ele pôde vê-lo bem. Seu cabelo era preto e seu rosto muito magro. Havia manchas de sangue, perto de seu pescoço. O cravo que padre Alfredo jogou havia pousado em seu peito.

— Precisamos terminar antes de anoitecer, padre — disse o homem, meio constrangido.

— Desculpe-me. Vou voltar ao serviço.

Quando anoiteceu, o Sítio do Modengo era um mausoléu gigante.

Adelaide pegou a flor e olhou para ela durante alguns instantes. Depois devolveu para padre Alfredo.

— Alguém contou essa sua história a ele — disse ela.

— Nunca contei isso a ninguém — falou ele, colocando o cravo de volta no bolso.

— Acha que os mortos da praça estão falando com meu filho, padre? — perguntou ela, secamente, desesperada por uma resposta.

— Sinceramente sim — respondeu ele, olhando em seus olhos.

— Não sei o que dizer, padre. Não sei o que fazer também.

A mulher pôs a mão no rosto e começou a chorar.

— Vou me mudar desse lugar maldito, padre. Assim que meu marido voltar, eu levo meu filho para longe daqui.

— Fique calma, minha filha. Não quis assustar você.

— Eu tenho que ir. Sua benção, padre.

Adelaide saiu caminhando meio atordoada. Assis estava parado no início da rua. Ela pegou em sua mão e o levou embora.

— Deus te abençoe — disse o padre, como se falasse para si mesmo. Depois voltou para dentro da igreja.

Ele pensou se fez certo em contar toda a história e omitir o fato de que sabia quem era o soldado. Então teve a impressão de que não teria outra chance de falar.

Naquela noite, quando mãe e filho passaram pela praça, o som que se parecia com choro estava alto. Algumas pessoas

estavam ao redor, mas nenhuma delas pareciam se incomodar com aquilo. Só Adelaide.

— Tape os ouvidos, filho — ordenou ela.

Já em casa, ela não quis comentar nada com o menino. Jantaram e ela o pôs na cama. Ele não pediu para deixar o lampião aceso e pegou no sono bem rápido. Adelaide deu graças a Deus, por uma noite de paz. Agora, mais do que nunca, queria a presença do marido naquela casa.

Na manhã seguinte, Assis foi à escola e Adelaide ficou em casa. Ela tinha algumas costuras para fazer. Seu pai lhe mandava dinheiro, mas ela trabalhava para ganhar mais um pouco. Estava entretida com suas linhas e agulhas, quando ouviu a porta ser aberta. Levantou-se desconfiada e foi até a entrada da casa. Seu filho estava colocando a bolsa em cima da mesa da sala.

— Posso saber por quê você não está na escola?

— Padre Alfredo morreu — respondeu, com a simplicidade de uma criança.

Durante o velório, naquela tarde, várias pessoas estiveram na Igreja para se despedir do pároco. Todas as beatas agradeceram por ele ter morrido dormindo, sem sofrer.

Adelaide o tinha como um confidente e aquela perda, pensava ela, seria irreparável. Ela deixou Assis com a vizinha e acompanhou o cortejo até o cemitério.

Quando voltou, Adelaide foi logo apanhar seu filho. Assim que ela bateu em sua porta, a mulher apareceu. Parecia desconfiada e mal a cumprimentou. Foi lá dentro e voltou acompanhada de Assis, que quando saiu deu um abraço na mãe.

— Eu queria ir ao enterro, mas não gosto de cemitérios. Além disso, a areia de lá tem doenças e eu sofro de uma tosse sem fim — disse a mulher.

— Ninguém gosta de enterros — respondeu Adelaide.

— Posso ir para casa, mãe? — perguntou Assis.

— Claro — respondeu ela, entregando-lhe a chave — Ele se comportou bem, Bernadete? — perguntou Adelaide, assim que o menino se distanciou.

— Sim. Mas tenho que lhe dizer uma coisa.

Bernadete pediu que Adelaide entrasse em sua casa só por uns instantes. Ela ficou constrangida em dizer não, por isso acompanhou a amiga até sua sala. Havia um desenho no chão, embaixo da mesa de jantar. Um grande círculo todo pintado de preto.

— Assis desenhou isso? — perguntou Adelaide.

— Sim.

— Desculpe, Bernadete. Me arrume um pano molhado que eu limpo.

— Deixe disso, mulher. Não foi pra isso que eu lhe chamei.

Bernadete havia deixado Assis sozinho por alguns minutos, enquanto tirava as roupas do varal. Quando voltou, notou que ele tinha afastado a mesa e estava deitado riscando o chão com uma pedra de carvão que havia pegado na cozinha. O menino riscava a pedra com força, como se pintasse com raiva.

— Assis?

— Sim senhora — disse ele, virando-se para a mulher.

— O que é isso? — perguntou Bernadete.

O garoto se sentou e limpou as mãos, uma na outra.

— É meu esconderijo — respondeu ele.

— De quem você quer se esconder, menino?

— Do bicho. Meus amigos falaram que ele está vindo.

— Que bicho? Lobisomem? — perguntou a mulher, tentando fazer graça.

— O bicho que vem da ilha. Ele fugiu da jaula. Meus amigos falaram que vão me esconder quando ele chegar. Esconder nesse lugar onde só eles podem ir — disse o menino apontando para o círculo.

— Que amigos são esses, meninos? — perguntou Bernadete.

Assis levantou-se e se aproximou da mulher.

— Tem cautela, Rego. Não passes do Mondego — disse ele, apontado-lhe o dedo e sorrindo. Sua voz era de uma mulher velha.

Adelaide pôs as mãos no rosto e respirou fundo.

— O que houve depois, Bernadete? — Perguntou, aflita.

— Nada. Ele me pediu um copo d'água, como se nada tivesse acontecido. Depois comemos doce de coco — disse ela, tentando sossegar a amiga.

— O que significa essa frase que ele falou?

— Foi há muito tempo, isso. Ele deve ter ouvido por aí, as pessoas mais velhas vivem dizendo isso. Não tem importância. Só que a voz, meu Jesus, parecia a voz de uma pessoa que eu conheci — respondeu Bernadete, fazendo o sinal da cruz.

Adelaide segurou as mãos da amiga e a encarou. Seu olhar era profundamente triste.

— De quem era a voz?

— De uma velha senhora que morou aqui perto. Eu a conhecia desde menina. Já faleceu.

— Onde ela está enterrada? — Adelaide, apertou ainda mais as mãos dela.

— Isso importa, mulher? — perguntou Bernadete, intrigada.

— É na praça, não é?

— É. Porquê?

Adelaide voltou às pressas para a casa. Estava preocupada com o filho sozinho. Mas quando chegou, encontrou Assis dormindo no sofá. Uma imensa sensação de alívio tomou conta dela. Ela sentou-se ao lado do menino e acariciou seus cabelos. E então começou a chorar. Seus pensamentos sempre se voltavam para o marido, em horas difíceis.

Ela estava em casa, quando lhe deram a notícia que ele havia sido preso. Não recebia notícias dele, há cinco dias, desde quando começara a rebelião na cidade. A aflição que sentia sem saber de seu paradeiro transformou-se em desespero. Ela ouvia rumores e boatos sobre tropas que partiram de Olinda em direção a Santo Antonio, mas nenhuma notícia exata.

Então três dias depois, um mensageiro chegou em sua porta. Ele demorou um pouco para lhe contar. Talvez tenha se precavido por ela estar grávida. Mas enfim, deu-lhe a notícia. Seu marido havia sido condenado por participar da revolta, junto com outros soldados do batalhão 14 que clamavam pela volta do imperador. Ele seria enviado no dia seguinte para Fernando de Noronha onde cumpriria sua pena. Adelaide não poderia vê-lo, pois nenhum dos presos teria contato com parentes ou amigos.

Dois meses depois ela recebeu a primeira carta. O marido dizia ser inocente e pedia que ela lhe esperasse. Ela ainda possuía essa carta, junto com todas as outras que ele lhe enviou depois. O filho nasceu sem conhecer o pai e cresceu sem saber da história.

— Mãe? — chamou Assis.

Ela não havia reparado que o menino havia acordado.

— Sim, meu filho.

— Onde está meu pai?

— Por que está perguntando isso? Por acaso sonhou com ele? — perguntou ela, se esforçando para sorrir e não deixá-lo ver que estava chorando.

— Sonhei com o bicho. Ele segurou meus cabelos e puxou.

— Seu pai vai chegar logo e vai proteger a gente.

Em seguida, pôs o menino nos braços e o levou para o quarto.

Ela não sabe dizer se dormiu mesmo naquela noite ou se foi um sonho que durou até de manhã. Uma mistura de imagens borradas do tempo em que vivia com o marido do outro lado da cidade. Em alguns momentos era como se a fumaça das carabinas lhe envolvessem. Ela sentia cheiro de pólvora e ouvia tiros. Os sons vinham de todas as direções, inclusive de dentro de sua própria cabeça. Ela acordou suada e cansada. Teve a sensação de estar de olhos abertos a noite toda.

Adelaide desceu a escada, foi até a cozinha e bebeu um copo d'água. O líquido tinha gosto de barro e ela enjoou. Correu até o quintal e vomitou por todo o chão. Voltou e lavou a boca, mesmo com a água ruim.

Alguém bateu na porta e seu coração disparou. Não o esperava tão cedo, pensou que talvez pudesse se arrumar ou preparar algum almoço especial. Ela caminhou em direção à porta. Suas mãos tremiam. Seu corpo todo tremia.

Ele estava lá, quando ela abriu a porta. Não era o mesmo sorriso bonito, nem o mesmo perfume, muito menos o lindo rosto de antes. Ela correu e o abraçou. Seu corpo era magro e seus braços não lhe seguravam mais com força.

Eles entraram em casa quando perceberam que alguns vizinhos já estavam observando. Ele sentou-se à mesa, enquanto ela preparava o café.

— É bonita sua casa nova — disse ele. A voz rouca e cansada.

— Nossa casa — falou ela, trazendo a xícara.

Eles se beijaram.

— Onde está Assis?

— Lá em cima. Eu vou buscá-lo.

— Não sei o que falar para o menino — disse ele, nervoso, esfregando as duas mãos no rosto. — Ele sabe que eu estive preso?

— perguntou.

— Não. Ninguém sabe — tranquilizou ela.

Adelaide então subiu as escadas. Antes de chegar lá em cima, olhou para ele de novo e sorriu. Ele sorriu de volta.

Ela abriu a porta, já chamando pelo filho. A cama estava desfarrada e o menino não estava lá. Ela olhou embaixo da cama e nenhum sinal do garoto. Demorou alguns segundos para perceber que a janela estava aberta. Olhou da sacada. Era muito alto para um menino de nove anos ter saltado. Ela imaginou se alguém poderia ter entrado durante a noite.

Desceu as escadas correndo e chorando. Seu marido levantou-se assustado.

Ele não está aqui. Ele não está aqui — era tudo que conseguia dizer, entre os soluços.

Entrava e saía de todos os cômodos da casa, gritando o nome do filho. O homem estava praticamente paralisado sem saber o que fazer. Adelaide correu para a rua. Continuava a chamar o nome do menino. Perguntava para as pessoas que passavam se elas o tinham visto. Ninguém sabia, ninguém tinha visto. Correu até a casa de Bernadete. A amiga já estava na porta. Ela também não sabia do paradeiro da criança. Adelaide caiu sentada no chão. Pôs a cabeça entre os joelhos e gritou.

Ela sabia exatamente onde procurar, mas ainda não tinha tido coragem de ir lá. Então se pôs de pé, naquele momento, e começou a caminhar. Bernadete havia ido até sua cozinha e estava voltando com um copo de água com açúcar.

— Onde você vai, mulher? — chamou ela.

Adelaide não deu atenção. De repente, seu marido a segurou pelo braço. Ela não o tinha visto chegar. Havia muitas pessoas a observando.

— O que houve, Adelaide? — perguntou ele.

— Foi você, não foi? Foi você — gritou ela.

O homem a soltou e deu um passo para trás. Ela apanhou algumas pedras no chão e começou a atirar nele. Uma delas o atingiu

na testa e ele cambaleou. Em poucos instantes seu rosto ficou coberto de sangue. Ele puxou uma faca da cintura. Mas a mulher não se intimidou e manteve seu olhar nele. Afrito, o homem saiu correndo sem direção, cobrindo o rosto com uma das mãos.

Adelaide partiu em direção à praça. Tropeçou duas ou três vezes no caminho e caiu, arranhando os joelhos e as mãos. O local estava deserto. Ela circulou por entre os bancos e brinquedos gritando novamente pelo filho. O som de choro começou, primeiro baixinho, depois ensurdecedor.

— Devolvam meu filho.

Sua voz saiu fraca. Sua garganta doía. Pessoas lhe observavam. Ela não sabia dizer se eram mesmo pessoas. Não reconhecia nenhum rosto. Sua vista estava embaçada com as lágrimas.

Tropeçou em alguma coisa, mas dessa vez ela não caiu. Havia um grande pedaço redondo de madeira no chão. Ela voltou seu olhar para a cacimba e caminhou até lá. Não dava para ver o fundo. Era tudo um grande círculo negro. E era lá de dentro que vinha o som que ecoava por toda a praça.

**EU LEVO COMIGO APENAS O
QUE MEREÇO**

1873

Apenas algumas cédulas de dois mil réis. Foi o que disseram os Lunas no dia em que partiram, deixando o sobrado da estrela para trás. Dois dias após o casario ficar novamente vazio, Josias veio à minha mercearia. Eu estava sozinho, quando ele entrou.

Ele fingiu olhar algumas peças de mortadela e de queijo do reino expostas no balcão, mas estava só disfarçando. Passou pelas bancas de frutas e parou por lá. Josias nunca comprava nada, pois sempre estava sem dinheiro.

Alguns funcionários do Porto, que gostavam de comprar fumo e aguardente, entraram na mercearia. Povo rude, que meu pai me obrigava a tratar bem, pois deixavam todos os meses partes dos seus salários em nosso estabelecimento. Eles cheiravam a suor e mijo.

Vi que a presença deles encabulou Josias. Ele ficou nitidamente incomodado e então caminhou rápido até o balcão e disse em voz baixa:

— Preciso falar com você. Volto quando estiveres fechando.

Eu assenti com a cabeça e ele saiu. Atendi os estivadores e em seguida caminhei até a prateleira onde ficavam as carnes de

charque, para arrumá-las. Só então reparei o velho Gilberto, parado próximo ao local onde ficavam as vassouras e os esfregões.

— Você não notou, Tomás, mas meu filho roubou uma laranja — disse ele, tirando uma moeda do bolso.

— Não precisa, senhor — falei.

— Precisa sim. Eu até faço questão, já que esta é a última vez — disse ele, olhando em meus olhos.

Eu achei que o velho ia ficar e falar de novo sobre o desprezo que tinha pelo filho. Mas acho que tudo já tinha sido dito. Lembro-me que ele sempre falava que Josias era um vagabundo e que vivia às suas custas. Por esses dias, havia acabado de perder o emprego no cais, por ser preguiçoso e ficar se engraçando para as moças ao invés de carregar os fardos.

Seu Gilberto havia sido soldado, mas hoje era um viúvo gordo e cansado. Sei que ele tem a mesma idade de meu pai, mas parece ser bem mais velho. Ficou assim desde que perdeu a esposa durante a cólera, há uns dez anos atrás. Os meninos na rua o chamam de bola de sebo. Já não bastasse tal humilhação na velhice, seu filho único ainda lhe causava aborrecimento e vergonha, ao invés do orgulho que qualquer pai anseia.

Por volta das seis da tarde, quando eu já estava trancando os cadeados, Josias parou do outro lado da rua. Ele olhou para mim e fez sinal para que eu o seguisse. Caminhei em seu encalço até ele se sentar numa mesa do bar do Salgado.

Puxei uma cadeira e sentei ao seu lado. Após um pedido meu, o velho Salgado trouxe uma garrafa de conhaque e, em seguida, eu pedi uma porção de salame. Josias serviu-se da bebida e tomou um

gole. Era um sujeito magro, careca e desengonçado, que sempre parecia estar com medo das coisas.

Sempre que eu o via, me lembrava de como era patético nos tempos de colégio. Apanhava dos garotos mais velhos o tempo todo e nunca conseguia passar nos testes. Não me lembro de tê-lo visto alguma vez na companhia de uma mulher que não fosse meretriz.

— Preciso de sua ajuda, Tomás — Disse ele.

— Não tenho dinheiro para lhe emprestar, homem. A loja é de meu pai e ele me paga pouco.

— Não é dinheiro. Quer dizer, é dinheiro sim. Mas não é o seu.

— Ele pareceu ofendido, com o meu comentário.

— E de quem é, então?

— De ninguém. Dinheiro de botija — respondeu, sério.

Eu sorri. Não gargalhei, para não deixá-lo constrangido de novo. Apenas um leve sorriso.

— Dinheiro de botija tem dono. É dinheiro de alma.

— Não é dinheiro de ninguém. E eu sei onde tem botija enterrada.

— Você sonhou com alguma alma mostrando o caminho? — perguntei.

Josias tomou outro gole de conhaque e olhou para os lados, desconfiado.

— Não — respondeu.

— Então como sabe onde está a botija?

Josias estava pronto para responder, mas Salgado aproximou-se da mesa trazendo a porção de salame e ele resolveu permanecer calado. Assim que o velho se afastou, ele continuou.

— Está no sobrado que era dos Lunas — disse.

O prédio ao qual Josias se referia ficava perto de rua onde morávamos. Um sobrado grande, de dois andares. Meu pai havia morado lá quando chegou do interior, pois a casa tinha sido república de estudantes durante anos. Mas meu pai já havia se mudado há muito tempo, bem antes de começar as histórias. Pessoas diziam ver fantasmas nas varandas e luzes nas janelas, e ouvir o barulho de louças e vidros quebrando.

Isso teve início quando um estudante foi morto no sobrado, há mais de vinte anos. Diziam que foi por causa de jogo. O prédio ficou desocupado desde então, até a chegada dos Lunas.

Enfim, tomei um gole do conhaque.

— Diga-me então, Josias. Se eles sabiam onde estava enterrado o tesouro, por que não o pegaram? Pelo que contaram a todos, só acharam alguns réis que haviam sido furtados por um funcionário da mercearia deles.

— É mentira.

— Eles também podem ter achado o dinheiro, só não quiseram falar.

— Não. Ainda está lá.

Josias bateu na mesa. Não tão forte para derrubar alguma coisa, mas atraiu a atenção dos outros fregueses. Vi que ele estava mesmo disposto.

— Como você sabe? — perguntei, abaixando o tom de voz.

— Eu tenho um mapa. Eu entrei no sobrado hoje de manhã cedo. Fui ver se ainda havia alguma coisa de valor, como você me sugeriu. E lá estava o mapa. Bem em cima da mesa de jantar.

Coloquei um pedaço de salame na boca e fiz sinal para que ele continuasse a história.

— Veja bem — disse ele, agora com um sorriso no rosto. — Os Lunas foram muito burros. Eles cavaram embaixo da escada que leva ao primeiro andar, mas o mapa aponta outro lugar.

— Posso ver o mapa? — perguntei.

— Não — disse ele, sorrindo. — Só se você me ajudar a desenterrar a botija.

Eu bebi outra dose de conhaque e servi mais uma a Josias.

— Por que eu?

— Você tem uma venda. Lá tem todas as ferramentas que precisamos — respondeu, após tomar seu trago e comer uma rodela de salame.

— Quanto eu levo?

— Metade, claro. Sou justo — disse ele.

Combinamos tudo naquela noite. Cheguei em casa por volta das onze horas. Minha mãe havia deixado pão e queijo enrolados numa toalha, em cima da mesa. Mas eu não comi. Ela e meu pai já estavam dormindo, então fiz o maior esforço possível para não fazer barulho. Escrevi um bilhete dizendo que iria a uma festa e coloquei em cima da mesa da cozinha, como sempre fazia.

Fui até meu quarto e vesti minha roupa mais velha, além de um antigo par de botas. Coloquei a calça, a camisa e os sapatos que eu estava vestindo em uma sacola. Pela janela, vi como a noite estava escura. Os lampiões de azeite não eram suficientes para alumiar toda a rua. Saí de casa e tranquei a porta, novamente me esforçando para manter o silêncio.

Andei com os passos apressados até a mercearia. Olhei para todos os lados durante minha caminhada para saber se alguém havia me notado àquela hora da noite, feito um desvairado pelas ruas de São José. Pois tinha certeza que se me vissem iriam dizer ao meu pai.

Assim que cheguei na venda, novamente tive que me preocupar em não fazer barulho ao abrir a porta. Caminhei tropeçando em sacos e caixas até achar o maldito lampião que ficava no balcão. Quando o acendi não pude deixá-lo em algum lugar alto, pois a luz chamaria a atenção de qualquer um que passasse pela rua. Então o coloquei no chão, o que deixou apenas parte do local iluminado. Mesmo com pouca luz, não tive problema para achar as ferramentas.

Peguei duas pás novas, dois pés-de-cabra e os coloquei dentro de um saco de pano. Guardei a sacola com minhas roupas embaixo do balcão. Depois apaguei o lampião e fiquei sentado no escuro até a hora marcada. Mais para passar o tempo do que para matar a fome, eu pegava algumas frutas nos cesto e as comia. Comecei a perceber que mesmo no escuro eu sabia onde estava quase tudo naquela mercearia. Eu havia passado tempo demais ali. Naquele momento, soube mais do que nunca que precisava fugir e ter minha própria vida.

Quando o relógio da parede deu a badalada que indicava três horas da manhã eu me levantei. Coloquei o saco por sobre o ombro e saí da mercearia, olhando novamente para todos os lados. Não havia ninguém por perto, então caminhei em direção à travessa do Tempo.

A única coisa que eu tinha pedido para Josias levar era um lampião, pois o meu era velho e podia falhar. E, juro por Deus, eu tinha medo que o infeliz esquecesse. Mas quando cheguei na esquina combinada, fiquei aliviado, pois vi que ele havia trazido. O imbecil parecia embriagado. Não sei se ainda era por causa do conhaque ou se ele havia bebido mais, desde a hora em que nos encontramos.

Não falamos nada, apenas olhamos um para o outro e assentimos com a cabeça. Depois partimos para o sobrado. Josias havia entrado lá pela manhã e tinha deixado a porta apenas encostada, mas de um jeito que aparentava estar trancada. Afastamos ela para o lado e entramos. Depois a fechei, colocando-a na mesma posição de antes.

O cheiro dentro do sobrado era horrível. Às vezes me dava a sensação de feder a alguma coisa morta. Devia haver dezenas de ratos ou pombos mortos por ali. Como diabos os Lunas viviam assim?

Josias tentava acender o lampião, sem sucesso. Mesmo sentado no chão, ele cambaleava para um lado e para outro. Eu me abaixei perto dele e fiz o trabalho. Percebi que teria que fazer a maior parte das coisas naquela noite.

— Será mesmo que tem alma penada aqui? — perguntou ele.

— Você não já entrou aqui? Por acaso viu alguma?

— Eu entrei de dia. Alma aparece de noite.

Eu o levantei pelo braço e coloquei-o de pé. Ele me encarou, mas eu achei desnecessário responder aquela pergunta estúpida.

O lugar era grande. Os Lunas não haviam levado seus móveis, havia ali uma mesa com quatro cadeiras, um sofá, um centro e um armário. Todos novos.

Josias pegou o lampião e o colocou em direção à escada. Em seguida caminhou até lá.

— Venha ver, homem — chamou ele.

Ele apontava para um grande buraco embaixo da escada. Era fundo e mesmo com a luz era difícil de ver onde terminava. Ainda havia montes de areias, ao seu redor.

— Foi aqui que os idiotas cavaram, mas não acharam nada — disse Josias.

— Onde está o mapa que você encontrou? — perguntei.

Ele remexeu no bolso e me entregou um papel velho e manchado. Por pouco os desenhos não haviam se apagado.

— Aí diz que o local certo é junto à porta de entrada.

— Não, rapaz. Você leu de cabeça para baixo. Olhe, é assim — mostrei-lhe na posição certa.

— Como pode ter certeza? Achei que tinha visto certo.

— Eu sei. É assim — concluí a discussão

Agora eu carregava o lampião e Josias fazia às vezes de burro de carga, trazendo o saco com as ferramentas. Saímos da sala principal e entramos em outro cômodo menor. Esse não tinha móvel algum, só um tapete velho no chão. Caminhávamos devagar, observando cada detalhe do sobrado.

— Estou pensando em subirmos até lá em cima para ver se achamos alguma coisa. De manhã eu estava sozinho e tive medo de ir.

— Não. Vamos procurar a botija. Isso já vai nos tomar muito tempo — falei.

Após passar pela lavanderia, chegamos finalmente ao local indicado no mapa. A cozinha do sobrado, ao contrário dos

outros cômodos, era pequena. Mesmo assim, havia espaço para nos movimentarmos, pois todos os móveis e tralhas do lugar estavam amontoados num mesmo local. A pilha ficava no canto direito, ao lado da porta.

Peguei um pequeno banco que estava na pilha de lixo e caminhei até o final da cozinha. Coloquei o lampião em cima no banquinho e apontei para o chão, onde havia um “x” desenhado de giz.

— É aqui. Veja se estou enganado — falei, entregando o mapa a Josias.

— Minha Nossa Senhora — foi só o que ele disse. Surpreso, feliz e abestalhado.

Ele largou o saco com as ferramentas no chão e pegou um das pás. Estava afobado para começar o serviço. Mas eu lhe mostrei que o chão era feito de tijolos e que seria melhor usar os pés-de-cabra. Inclusive, tínhamos que retirar um a um, pois quebrá-los iria fazer muito barulho.

Nos sentamos e começamos a soltar os tijolos. Felizmente o reboco era fraco e eles se desgrudavam fácil. Mas tivemos dois problemas. O primeiro foi que precisamos abrir um buraco grande, onde coubessem dois homens dentro. O segundo foi que a camada de tijolos era profunda, mais de dois metros. Amaldiçoei por várias vezes o infeliz que construiu aquele edifício de uma forma tão idiota.

Josias estava morto. Saímos do buraco e ele se deitou no chão, após tirar a última fileira de tijolos. Eu pensei em fazer a mesma coisa, mas embora meu corpo quisesse descanso, meus pensamentos me encorajavam a terminar o trabalho o quanto antes.

— Vamos, homem. Temos que ser fortes e acabar antes de amanhecer — eu disse.

— Água. Esquecemos de trazer água, Tomás. Pelo amor de Deus, estou com a garganta seca.

Ele embolava no chão para um lado e para o outro. Parecia um cão de rua. Sua careca já estava preta de sujeira. Era patético. Eu puxei-o pela gola da camisa e o pus de pé.

— Pegue a pá — ordenei.

Josias enxugou o suor da testa e fez o que eu disse. Voltamos para dentro do buraco, que já nos engolia por inteiros. Felizmente, haviam vários tijolos nas paredes do fosso, o que possivelmente impediria da terra deslizar e nos encobrir. O chão aos nossos pés, agora era somente areia. Respiramos fundo e começamos a cavar.

— Pense na botija. Muita prata, muito ouro, muita moeda — eu disse.

A terra era fina, mas tinha algumas pedras grandes. A gente as tirava e as jogava na mesma pilha onde pusemos os tijolos, na beira do buraco. O mesmo acontecia com areia. Tínhamos que lançá-la com as pás, pois já não alcançávamos mais o lado de fora. Por várias vezes, ela caía em nossos rostos.

Cavamos quase um metro, quando Josias parou novamente. Ele colocou as mãos nos joelhos e abaixou a cabeça.

— Chega, homem. Não agüento mais. Vou procurar água nessa casa, nem que seja empoçada de chuva.

Tentei impedi-lo, mas ele já estava escalando as paredes do buraco. Percebi que ele havia levado o lampião, quando tudo ficou escuro de repente.

— Não demore — gritei, sem ter certeza de que tinha sido ouvido.

Ouvi o som dos passos de Josias diminuindo lentamente, até ficar um silêncio absoluto. Nada se ouvia. Nem o som do vento, assoviando por entre as fretas do velho edifício, nem o canto dos grilos. Nada.

De repente ouvi novas passadas. O som ficava cada vez mais alto, mas eu não via a luz do lampião. Eu continuava imerso na escuridão total. Só então notei que toda aquela zoada vinha de assoalho do primeiro andar. Pensei em gritar por Josias, mas confesso que tive medo. De que eu não sei.

Para meu alívio, um feixe de luz apareceu, iluminando o teto, e logo tomou conta da cozinha inteira.

— Achei água — disse Josias, aparecendo na borda do buraco. Ele se deitou e me passou uma cuia de barro.

— Isso está limpo? — perguntei.

— Claro que não. E antes que pergunte, é água de chuva — respondeu, com um sorriso no rosto.

— Achou isso lá no primeiro andar?

— Não. Havia algumas panelas no chão da sala. Acho que a água vinha do teto.

Eu bebi a água, mesmo sabendo que era suja. Confesso que também estava morrendo de sede e foi idiotice ter esquecido de levar um cantil. Joguei a cuia para Josias. Por qual motivo não sei, mas preferi não comentar sobre os passos no assoalho de cima. Fiz força para convencer até a mim mesmo que fora apenas impressão.

— Agora volte para cá — gritei.

— Ainda estou com sede. Vou pegar mais água — respondeu.

Então me deu as costas e, poucos segundos depois, começou a gritar. A única coisa que dava para ver era sua enorme sombra se contorcendo nas paredes do cômodo, misturada à luz do lampião.

Num impulso ele se jogou para dentro do buraco. Assim que caiu, o pobre diabo se encolheu num dos cantos e colocou as mãos no rosto. Num esforço espantoso, eu escalei as paredes e saí do fosso, com minha pá nas mãos.

Devido ao meu cansaço e também a profundidade já considerável do buraco, demorei algum tempo para escalá-lo. Na subida arranhei os braços, meu peito e minha barriga. Não sabia se pela minha demora para chegar até o piso, o sujeito tivera tempo de fugir. Não vi ninguém, por isso peguei o lampião e saí entrando em todos os cômodos. Nada. Nem sons de alguém correndo ou tentando se esconder, eu ouvi.

Caminhei até a sala principal, só para ter certeza de que realmente não tinha ninguém. E sim, naquele saguão, vi que eu estava sendo observado. Cheguei até a ouvi-los sussurrando. Coisas que mais se pareciam com vultos, me espreitavam das sombras. Mas sempre que eu iluminava o local onde eu achava que eles estavam, não enxergava ninguém. Não é que sumissem, eles simplesmente já não estavam mais lá. Não consigo explicar.

Apontei o lampião em direção às escadas, mas confesso que não tive coragem de subir. Voltei para dentro da cozinha e olhei para Josias lá embaixo.

— Quem era? Quem estava aqui? — perguntei, ainda assustado.

— Eu não sei. Ele jogou areia nos meus olhos. Vamos embora. Para o inferno com o dinheiro — respondeu, chorando.

Olhei para aquela figura ridícula no fundo do buraco. Chorando como um bebê e se espojando na areia como um cão sarnento. Qualquer resquício de pena que eu sentia por aquele homem se esvaiu naquele exato momento.

Por várias vezes, pensei se conseguiria quando chegasse o momento. Pensei nisso quando deixei o mapa num local onde qualquer idiota o encontrasse. Imaginei a hora exata em que faria isso, enquanto bebíamos conhaque. Pensei nisso enquanto comia laranjas, sozinho no escuro. Pensei nisso, inclusive, há um minuto atrás, enquanto vultos sussurravam em minha volta. E vi que era chegada a hora.

Coloquei o lampião novamente em cima do banco, numa posição que iluminava o buraco o máximo possível. Peguei um dos pés-de-cabra, ergui o mais alto que pude, girei-o no ar e atirei na direção de Josias. Acertei em sua cabeça e ele gritou. Eu corri e peguei o outro. Novamente joguei nele com toda a minha força. Vi que ele começava a sangrar e tentava se arrastar no chão como um animal acuado.

Em seguida, me sentei próximo à pilha de tijolos e, com os pés, a empurrei para dentro do buraco. Josias não chegou a ficar soterrado, mas os tijolos cobriram suas pernas e ele não conseguiu nem mais rastejar.

Ele estava deitado lá embaixo, em meio às pedras, me encarando com seus olhos arregalados e assustados. Lembro dele ter gritado e implorado, ou qualquer coisa do tipo. Porém suas palavras

não me vêm à lembrança. Não agora. Tudo que me recordo são de vozes estranhas, que pareciam sussurrar bem aos meus ouvidos.

Peguei minha pá e comecei a jogar a areia de volta ao buraco. As vozes estavam perto de mim. Na verdade se pareciam mais com chiados, como cobras esticando suas línguas venenosas.

— Assassino.

Virei-me e não vi nada. Olhei para o teto. O som dos passos retornou. Eram vários, agora. Em algum lugar, um vidro se despedaçou.

Corri até a pilha de tralhas e apanhei o máximo de lixo que consegui. Joguei tudo no buraco. Curvei-me para dentro e vi que o corpo de Josias estava praticamente encoberto. Lancei as últimas pás de areia e encerrei sua cova.

Peguei o lampião e caminhei para a saída. As sombras, os vultos, me perseguiam de perto. Falando coisas em meus ouvidos. Palavras geladas, vozes mortas. Eu sabia agora. Atirei minha pá na pilha de tralhas e corri.

Parei perto da porta e espreitei a rua, pela fresta. Ainda não havia amanhecido. Na esquina, dois homens sentados na calçada dividiam uma garrafa. Apaguei o lampião, pois a luz que vinha do lado de fora já iluminava o local onde eu estava.

Os vultos continuavam lá. Agora eu podia vê-los. Eles flutuavam para um lado e para o outro, cruzando-se na escuridão do sobrado. Passavam uns pelos outros, sem se tocarem. E me encaravam. Olhos grandes, brancos e acusadores.

Preferi me arriscar a ser visto saindo do sobrado, do que ficar juntos com aquelas coisas. Empurrei a porta para o lado e saí.

Encostei-a novamente e caminhei pela calçada com a cabeça baixa. Os bêbados, do outro lado da rua, nem me notaram.

Segui até a mercearia, onde novamente, entrei com discrição. Lavei-me rapidamente numa jarra de barro que ficava no cômodo de trás. Peguei a sacola que havia guardado no balcão e troquei de roupa. Eu ainda não estava com uma boa aparência, mas era melhor do que antes.

Esperei até amanhecer, o que eu não demorou muito, e saí da venda. Depois andei até a padaria que ficava na rua de trás. De longe, eu o vi. Quem não o veria, gordo como era.

Passsei por ele sem lhe falar, nem cumprimentá-lo e fui me sentar na última cadeira do balcão. Pedi um café e esperei ele vir até mim.

— Bom dia — disse o velho Gilberto, meio sem jeito, olhando para os lados.

— Seja breve, senhor. Assim combinamos. Onde está o dinheiro?

O velho me entregou uma caixa. Eu abri, com cautela, e contei nota por nota. Logo em seguida, me levantei.

— O café é por sua conta. Imagino que não se importará, já que esta é a última vez — falei.

— Só me diga que ele não sofreu, na hora. Só isso — disse o velho, chorando.

Não respondi à sua pergunta. Caminhei para a rua e olhei para o céu. O sol estava forte naquela manhã. Vi as pessoas passando por mim, apressadas, enfadonhas, arrogantes, inúteis, ocupadas com suas vidas desprezíveis. Como fantasmas. Como os fantasmas que eu vi no sobrado e como aquele que eu deixei lá.

FOME

1914

Estavam todos na sala, à espera de uma resposta do médico. Já fazia uma hora que ele havia dado início à consulta. Mesmo grávida de cinco meses, Esmeralda não abria mão de permanecer perto do marido, apesar da insistência dos empregados para que ficasse em repouso.

Há uma semana Teobaldo estava de cama e não conseguia ingerir nenhuma espécie de alimento. Não tinha forças nem para falar. Esmeralda estava desolada com a possibilidade de ficar viúva e que ele morresse sem conhecer o filho que estava para nascer. Doutor Aluísio diagnosticou hepatite. Pediu para que aguardassem os resultados dos exames e disse que voltaria para acompanhar o paciente.

— Uma amiga minha me aconselhou a pedir a opinião do Doutor Dornelas — disse Esmeralda.

— Nem pense numa coisa dessas. Teobaldo nunca aceitaria ser tratado por um negro. Mesmo um de fraque e cartola — sentenciou doutor Aluísio.

Logo que o médico foi embora, Esmeralda deu ordens para que o jantar de seu marido fosse preparado. Como ele estava com dificuldade até para mastigar, ela ordenou que fosse servida uma

sopa de legumes. Esmeralda fazia questão de alimentá-lo pessoalmente. Ela entrou no quarto com a bandeja nas mãos e sentou-se ao seu lado.

Ao perceber que a esposa se aproximava, Teobaldo abriu os olhos e a encarou. Esmeralda respondeu com um sorriso. Enquanto se preparava para servir o jantar sentiu a mão de Teobaldo agarrar o seu braço. Com o susto que tomou, chegou a derrubar a bandeja e espalhar a sopa por todo o chão do quarto. Ainda segurando o braço da esposa, ele murmurou algo que ela não conseguiu ouvir. Então ela se aproximou, colocando o ouvido próximo a sua boca, e o ouviu pedir, quase sem forças para falar, que chamasse Osvaldo.

Esmeralda fez uma expressão de espanto. Teobaldo fez um sinal positivo com a cabeça e em seguida murmurou novamente. “Por favor”, pediu ele. Sua voz era rouca. Esmeralda assentiu com a cabeça e foi atender o pedido do esposo. Tudo que ela menos queria era contrariá-lo naquele estado.

Osvaldo era um dos criados da mansão. Um homem forte e de semblante rústico. Era uma espécie de braço direito de Teobaldo, para assuntos sigilosos. Assuntos esses que Esmeralda fingia não conhecer para o bem de sua família, mas sabia de quase todos. O marido não era santo, mas era um bom esposo e tinha lhe dado uma vida maravilhosa, arrancando-lhe da miséria.

Ela então foi até o quarto de Osvaldo, que ficava nos fundos do quintal da sua casa. Era um pequeno casebre. Mesmo sendo uma acomodação tão humilde havia sido a melhor em que ele vivera até então.

Esmeralda não se sentia bem ali. Ela nunca gostou de estar na presença de Osvaldo. Na infância eles viviam na mesmo vilarejo. Cresceram juntos na miséria do Sertão. Desde que casara com Teobaldo, ela fez questão de esquecer todo seu passado infeliz. Inclusive de Osvaldo. Quando o marido resolveu contratá-lo e fazer dele seu fiel escudeiro, ela sentiu-se incomodada, mas não disse nada a respeito.

Era tarde da noite, mas ela sabia que ele estava acordado. Dentro de alguns minutos ele estaria fazendo a ronda da casa e naquele momento deveria estar se preparando. Esmeralda bateu na porta e pouco depois Osvaldo abriu. O constrangimento foi inevitável. Mesmo assim, o caseiro manteve o seu semblante calmo.

— Doutor Teobaldo está chamando você. Deixe para começar a ronda mais tarde e vá vê-lo, imediatamente — ordenou a mulher.

Osvaldo fez sinal com a cabeça e retirou-se para ver o patrão.

Esmeralda ficou observando de longe o caseiro seguir até a casa dela. Ele caminhava rápido e logo desapareceu na escuridão. Por curiosidade ela mexeu na maçaneta e notou que a porta do casebre estava destrancada. De repente ficou tentada a abri-la. Certificou-se primeiro que Osvaldo estava longe. Então, a abriu bem devagar.

A primeira coisa a aparecer em seu campo de visão foi uma velha cômoda encostada na parede. Havia um lampião em cima do móvel, que iluminava o casebre. Esmeralda forçou um pouco mais a porta. Havia uma velha cama de casal no meio do cômodo. Deitadas nela, repousavam, despidas, duas das criadas da casa. Como

a luz era fraca, Esmeralda demorou um pouco para perceber que uma delas estava com os olhos abertos e olhava fixamente em sua direção. Mesmo constrangida e surpresa, ela manteve a calma e fechou a porta devagar, evitando o olhar da mulher.

Quando se virou para ir embora, percebeu Osvaldo retornando. Ele fumava um cigarro de palha e mantinha o ar sóbrio de sempre.

— Já voltou? — perguntou, surpresa.

— Sim, senhora. Vou fazer a ronda agora.

Esmeralda assentiu com a cabeça e foi embora, sem dizer nada.

Após aquela noite, mais precisamente após a conversa com o patrão, Osvaldo abandonou a função de caseiro, e não era mais visto à noite.

Uma semana depois, Teobaldo melhorou consideravelmente. Conseguia falar, comia de tudo e sua aparência já era bem mais saudável do que a de antes. Mas ainda não estava recuperado totalmente. Por isso, permanecia de cama. Doutor Aluísio voltou algumas vezes para acompanhar seu estado de saúde. Até os amigos da família, que há tempos não apareciam, voltaram a frequentar a casa. Até missa encomendaram.

Numa noite, Esmeralda viu Osvaldo saindo do quarto dela, levando embora um prato. Escondeu-se atrás de uma das quinas da parede e esperou ele ir embora. Ao entrar no cômodo, viu seu marido dormindo. Um dos cantos da boca estava sujo. Ela limpou o líquido preto que escorria com um lenço, que carregava em seu bolso, e em seguida o colocou no cesto de roupa suja. Mais uma vez ignorou os assuntos entre seu marido e o capanga.

A curiosa recuperação do doutor continuou durante os três meses seguintes. Após esse período, Teobaldo já possuía a mesma saúde de ferro que tinha antes. Até voltara a trabalhar. Empolgada com o fato de sua vida ter voltado ao normal, Esmeralda sugeriu dar uma festa para comemorar. De início, Teobaldo não gostou muito da idéia, mas por insistência da esposa, concordou.

Esmeralda aproveitou aquela tarde ensolarada de terça-feira e junto com a criadagem começou a decorar a entrada da casa para o evento, que aconteceria na sexta-feira. Notou que três das suas criadas não estavam no serviço.

— Foram embora — disse uma das lavadeiras

— Como assim?

— Elas tavam com medo — respondeu.

Esmeralda virou-se, quando percebeu que a empregada olhava por cima dos seus ombros, e viu Osvaldo seguindo em direção ao seu casebre.

— O que ele fez? — perguntou Esmeralda.

— Não sei, senhora. Mas tem vez que tem sangue na roupa dele. E esse saco que ele carrega eu sei que não é osso de carneiro pra refinar açúcar, como ele diz.

— Pare de conversa, menina Odete — gritou outra criada mais velha. — Dona Esmeralda não quer ouvir suas lorotas.

Então a velha agarrou a criada mais nova pela manga do vestido e a levou em direção à cozinha.

No dia seguinte Teobaldo acordou se sentindo muito mal. Vomitou durante a manhã inteira, por isso o médico foi chamado.

— Deve ser algo que ele comeu. É só tomar um chá de bodo e ficar em repouso — aconselhou ele.

Doutor Aluísio não exibia mais o semblante de preocupação que tinha no início da doença de Teobaldo. Ele agora apresentava tranqüilidade com relação ao andamento da saúde de seu paciente.

Esmeralda perguntou se podia ser uma recaída daquele mal que o atingira antes. O doutor afirmou que não e que a sua opinião era que não havia nada para se preocupar naquele momento. Durante o resto daquele dia nada mais ocorreu.

Na quinta-feira, Teobaldo teve uma nova crise de enjoo, que se seguiu pela tarde inteira. No início da noite sua esposa insistiu para chamar o médico. Teobaldo não quis e ordenou mais uma vez a presença de Osvaldo. Esmeralda atendeu, novamente sem fazer perguntas ao marido. Osvaldo recebeu o chamado e foi até o quarto. Pacientemente, Esmeralda esperou do lado de fora. Dessa vez iria interrogá-lo, pois agora não continha mais a ansiedade. Depois de alguns minutos, ele saiu.

— Vamos homem, me diga logo o que meu marido queria contigo?

Osvaldo não respondeu. Passou por ela e seguiu. Esmeralda ficou observando ele se distanciar. Ela estava com ódio. Não gostava que ninguém desobedecesse a uma ordem sua. De repente, Osvaldo parou e olhou para trás. Ao perceber que Esmeralda ainda estava lá, falou:

— Ele não vai ficar bom nunca mais — disse, e seguiu seu caminho.

Naquela noite, Esmeralda não dormiu. Teobaldo pediu para ela permanecer em um dos quartos de visita durante à noite.

Na manhã seguinte, Esmeralda foi até seu quarto e tomou um susto. Teobaldo não estava na cama. O encontrou no terraço da casa, ainda de pijama, mexendo em uma gaiola de passarinho. Sua aparência era ótima. Mais uma vez estava bem disposto. Pensou em chamá-lo, mas desistiu e saiu antes que ele notasse sua presença.

À noite, a casa ficou cheia. As pessoas mais importantes da cidade estavam na festa, comemorando a recuperação de Teobaldo. Algumas com muita falsidade, é verdade, mas Esmeralda não ligava. Para ela o importante era estar junto com os ricos.

Havia bebida e comida de sobra. As mulheres perguntavam a Esmeralda a respeito da gravidez. Ela respondia a todas, sorrindo. Do outro lado da sala, Teobaldo conversava com outros bacharéis, em rodas de charutos. Eles gargalhavam sob o efeito do uísque escocês.

Esmeralda havia aprendido a ser uma mulher de classe. Comandava os garçons e as cozinheiras para não deixar faltar nada.

Mas, no meio da festa, uma mulher invadiu a sala. Ela estava vestida em trapos e toda suja de lama. Seu olhar lentamente vasculhava todo o salão. Ao olhar para perto da mesa de bebidas, avistou Teobaldo. A mulher correu em sua direção aos gritos. “Ele roubou meu filho. Meu menino”, berrava. Os seguranças pularam em cima dela e a arrastaram para fora do salão. Esmeralda passou mal e desmaiou. Era o fim da festa.

Despertou muito tempo depois, já de madrugada. Estava em seu quarto, na companhia de uma das criadas. Essa tentou impedi-la de se levantar, dizendo que ela deveria ficar em repouso por causa do bebê.

Esmeralda então se lembrou que havia sido aquela menina que falou de Osvaldo.

— Foi você que eu vi na cama dele. Foi você.

— Eu não faço mais isso senhora — disse a menina, começando a chorar.

— O saco que ele carrega, o que é?

— Ele mata criança — gritou.

Então, a menina começou a chorar desesperada e por mais que Esmeralda gritasse, ela não falava mais nada. Sua patroa então lhe deu uma tapa, que a derrubou no chão. Esmeralda saiu do quarto às pressas em busca do marido.

O corredor estava praticamente às escuras, com exceção de uma única lâmpada acesa no fim do corredor. A luz vinha da biblioteca. Esmeralda foi caminhando em sua direção, quando sentiu uma mão segurar em seu braço. Era a criada. A menina lhe entregou uma navalha.

— Todos os empregados foram embora, minha senhora. Eu também vou — sussurrou ela.

Seu rosto estava ensopado de lágrimas e suor. Esmeralda, instintivamente, colocou a navalha dentro do seu sutiã. Então segurou na mão da criada.

— Onde está Osvaldo? — perguntou.

— Foi embora também. Enlouqueceu, foi o que disseram.

— O que aconteceu na minha casa?

Era Esmeralda quem estava em prantos, agora.

— Não sei, senhora — disse a criada, caminhando de costas até desaparecer na escuridão.

Esmeralda continuou sua caminhada em direção à biblioteca. Ao chegar perto da porta diminuiu os passos para não fazer barulho. Pela fresta, tinha a visão de quase todo o cômodo.

Teobaldo estava lá, junto com outros homens, inclusive doutor Aluísio. Conversavam efusivamente e se serviam de doses de bebidas a todo o momento. Tudo até então normal, até doutor Vergueiro aparecer no campo de visão de Esmeralda. Ele caminhava de mãos dadas com uma criança negra, de mais ou menos uns três anos. A menina estava nua e chorava desesperadamente. Um dos homens ria e a beliscava, fazendo-a chorar mais ainda. Esmeralda se controlou para não gritar. Estava apavorada como nunca estivera ou pensara ficar algum dia.

Viu que a menina não tinha o antebraço esquerdo. No lugar onde antes era seu cotovelo havia um curativo, ainda molhado. Teobaldo o segurou e o apertou até o sangue ensopar a gaze e começar a pingar. E então lambeu a ferida.

Esmeralda, enfim, gritou. Sabendo que os homens viriam ao seu encontro, correu em desespero pelo corredor escuro. Ouviu passos atrás de si e forçou a corrida ainda mais. Porém, bateu com a coxa em algum móvel e caiu no chão. Colocou as mãos em frente ao corpo para proteger a barriga e, na queda, seu punho esquerdo quebrou. O medo era tanto que a dor mal foi sentida.

Em instantes, várias mãos estavam em cima dela, tentando segurá-la. Esmeralda tirou a navalha de dentro da roupa e golpeou no ar. Ela sentiu quando a lâmina bateu em alguém e o sangue espirrou em seu braço. O homem gritou de dor e caiu. Alguém colocou um pano ensopado em seu rosto e ela adormeceu.

Quando acordou estava sentada em uma cadeira com os pulsos e os tornozelos presos por cordas. Balançou um pouco a cabeça para tirar os cabelos do rosto e olhou para frente. Sua visão ainda

estava embaçada e ela demorou um pouco para ver que era Teobaldo quem estava sentado no sofá a sua frente. Ele segurava uma pequena toalha vermelha junto à boca. Quando ele afastou o pano da face, ela notou que o vermelho era do seu sangue. Havia um grande corte em seu lábio inferior, que ainda sangrava.

— Eu vou ficar bem — disse, esboçando um sorriso com sua boca ferida.

Esmeralda ainda estava confusa por causa do éter que foi colocado em seu rosto. Esforçava-se para se livrar das cordas e só parou, quando Teobaldo segurou os seus cabelos. Ele encostou a mesma navalha com a qual fora ferido no pescoço dela e ordenou que ficasse quieta.

Quando ela parou de se mover, e começou a chorar, ele caminhou até uma pequena mesa no centro da biblioteca e se serviu com uma dose de aguardente. Bebeu e em seguida gemeu, por causa do ardor que o álcool causou na ferida.

— Eu vou explicar, e bem devagar, para você entender — falou, servindo-se de outra dose. — Alguns povos acreditam que se você comer a carne de uma outra pessoa, as forças daquele indivíduo são passadas para você. Não é fantástico? — perguntou ele, erguendo seu punho cerrado.

— Não sei o que estás tentando dizer, Teobaldo. Me solte — respondeu Esmeralda. Estava tonta e sua cabeça doía.

Teobaldo então bebeu a sua dose e atirou o copo, que atingiu o lado esquerdo do rosto da Mulher.

— Preferia me ver morto, não era? Logo eu que te tirei da miséria — gritou ele.

Esmeralda começou a gritar por socorro.

— Eu não vou ficar doente. Não vou ficar doente nunca mais!

— gritou Teobaldo, ainda mais alto.

Passos vieram do corredor e então os homens entraram na sala. Teobaldo ficou de costas para Esmeralda e assim permaneceu. Doutor Aluísio estava sem o paletó e sua camisa branca de seda, agora era colorida por um vermelho vivo.

— Parabéns Teobaldo. É um menino.

Esmeralda olhou instintivamente para baixo. Sangue escorria pelas suas pernas. Ela gemeu e mordeu os lábios. Parecia que ela iria gritar, mas não teve forças.

— Levem-na daqui — ordenou Teobaldo.

— Vai querer alguma coisa? — perguntou um dos homens, olhando para Esmeralda.

— Só o fígado — respondeu ele.

A LUA COBRA SEU PREÇO

1940

Firmino estava parado ao lado do berço, observando o jeito como o seu filho dormia naquela noite. Sua respiração dava uma sensação de tranquilidade, pois era leve e silenciosa. Sua quietude contrastava com o barulho da forte chuva que caía lá fora. “Ele não se parece nada com o pai”, comentavam as vizinhas. “Ainda é muito novo”, diziam outras. Firmino não se importava. Até então, aquilo nunca foi motivo para desconfiar da esposa. Aquele bebê tinha sido um presente de Deus. Um filho homem era seu maior desejo.

Porém, desde o seu nascimento, sua esposa estava com um comportamento estranho. Saía de casa algumas noites, com a desculpa de que iria tomar conta de sua tia. Uma tia que ela dizia estar muito doente e às vezes precisava de alguém para passar a noite ao seu lado, já que vivia sozinha.

Firmino sempre acreditou na palavra da mulher, mas já estava desconfiado. Talvez os comentários das vizinhas tivessem envenenado sua mente e o deixado nervoso. Ele não sabia em quem acreditar. A única certeza dele era que não deixaria sua esposa sair de casa naquela noite.

Ele se afastou do berço e se sentou num sofá próximo à porta da casa. Era uma casa pequena, dois quartos, um banheiro, cozinha

e uma sala, onde ficava o berço da criança, pois o quarto do casal era muito pequeno.

A mulher não havia falado nada o dia inteiro, mas Firmino sabia que ela se preparava para sair. Quando ela deixou o quarto, estava com uma sacola na mão.

— Meu bem, eu vou indo.

— Hoje não, Joana — falou num tom firme de voz.

— Mas, Firmino... eu preciso.

— Não e não. Esse lugar aqui tá muito perigoso ultimamente — retrucou. — E eu também já estou cansado dessas suas saídas. O povo já está falando.

— Ah, então é isso? Prefere dar ouvidos ao povo da rua, ao invés de acreditar em mim?

— Cala a boca — Gritou ele.

Joana nunca tinha visto o marido agir daquela forma, durante os dois anos em que estavam casados. Nem mesmo em seu tempo de solteiro. Seu rosto estava vermelho e suas mãos tremiam.

— Calma, Firmino.

— Volte para o quarto, agora. Não quero nem ouvir mais a sua voz — disse ele, levantando-se do sofá e caminhando para perto dela.

— Deixe eu falar.

Ele nunca havia batido em sua mulher. Aliás, em mulher alguma em sua vida. A tapa foi tão forte que Joana caiu por cima de uma pequena mesinha que ficava ao lado do berço. Com o barulho o bebê acordou e começou a chorar. Firmino pegou a esposa pelos cabelos e a arrastou de volta ao quarto. Trancou a porta por fora e a deixou lá dentro.

— Firmino, pelo amor de Deus, você não sabe o que está fazendo. Me deixe sair daqui. Pelo bem do nosso filho — Gritava, já aos prantos.

— Cala a boca. Agora você vai aprender a me respeitar.

Os gritos da mulher presa dentro do quarto eram de desespero e de dor. Joana implorava, batia na porta e chorava. Mas Firmino a ignorava, ou pelo menos tentava. Sua preocupação agora era para que os vizinhos não ouvissem os gritos e comentassem ainda mais sobre a sua vida.

O bebê continuava a chorar. Firmino foi até o berço e o tomou nos braços. Joana ainda gritava. Os gritos, unidos ao choro e à chuva, eram ensurdecedores. Os olhos de Firmino se encheram de lágrimas.

De repente o bebê parou de chorar. Quase ao mesmo tempo em que os gritos de Joana cessaram. Firmino pôs o bebê de volta ao berço.

— Joana? — chamou ele.

Nenhuma resposta. Colocou o ouvido colado na porta, na tentativa de escutar alguma coisa. O que ouviu foi um ruído estranho, alguma coisa arranhando a porta. Pegou a chave e quando resolveu destrancar a porta ouviu um novo barulho, desta vez vindo do lado de fora da casa. A chuva atrapalhava, mas ele conseguiu identificar o som. Eram pisadas de cavalos. Chamou Joana mais uma vez. Não houve resposta.

Alguém gritou o seu nome e ele foi até a porta, ainda meio desconfiado. Quando saiu deu de cara com vários homens montados em cavalos. Mais ou menos uns dez. Um deles era seu primo Cícero.

Àquela hora, a chuva havia diminuído um pouco. Firmino foi caminhando em direção aos homens. Ao ver o primo se aproximando, Cícero desceu do cavalo. Tinha um revólver na cintura e mais uma espingarda pendurada no ombro.

— Tudo bem aí, primo?

— Tudo... Por quê? — perguntou Firmino ainda desconfiado.

— Estávamos passando por aqui e sua vizinha nos parou, dizendo que ouviu uns gritos vindo de sua casa.

— É... Foi Joana. Tivemos uma briga e aí...

Firmino olhou para o lado e viu uma de suas vizinhas na janela de casa.

— Tudo bem, primo. Não precisa se explicar muito. Não quero me meter em briga de marido e mulher. Só quero saber se já tá tudo bem, mesmo — disse Cícero.

— Tá. Tá tudo arrumado já.

— Então tá certo.

Firmino olhou ao redor e viu que os outros também estavam armados. A chuva voltava a ficar forte e os homens chamavam por Cícero, pedindo para ele se apressar. “Temos que ir atrás do safado”, disse alguém.

— Primo, onde vocês estão indo? — perguntou Firmino.

Cícero coçou a cabeça, procurando um jeito de explicar. Então, chegou bem perto do primo e o olhou bem nos olhos.

— Tu se lembra do filho de Antônio, da venda lá do Monteiro? — perguntou Cícero.

— Claro. Foi o moleque que sumiu — respondeu Firmino.

— Toinho — disse Cícero, apontando para o próprio, que

também estava junto com os homens a cavalo — achou o corpo do menino ontem, perto do riacho. Estava sem as duas pernas e um dos braços também foi arrancado.

— Minha Nossa Senhora — disse Firmino.

— Mais dois meninos sumiram nas últimas semanas e não foram encontrados. Sem contar que um boi e um monte de galinhas de Jonas foram atacados e comidos. Até o cachorro dele foi encontrado sem as tripas.

— E vocês sabem quem foi que fez isso? — perguntou Firmino, depois de fazer o sinal da cruz.

— Não. Só o que sabemos é que essas desgraças começaram a acontecer pouco depois que o padre Afonso foi embora sem dar explicação. Estamos indo lá na igreja ver se achamos alguma coisa.

— Vocês acham que foi o padre? Mas, por que ele faria uma coisa dessas? Atacar criança e bicho por aí?

— Vamos ver isso agora.

Cícero puxou o revólver que estava em sua cintura e entregou ao primo. Disse que era para ele se proteger, caso algo acontecesse. Firmino agradeceu, mas disse que não precisava. Sua espingarda estava em perfeito estado e ele iria ficar bem com ela.

— Fique com o revólver. As balas são de prata — insistiu Cícero.

— De prata?

Cícero assentiu com a cabeça.

— Afinal, do que é que vocês estão atrás, homem? — perguntou Firmino.

— Entre em casa e vá tomar conta de sua mulher. Deixe o resto com a gente.

— É por causa da história do bacharelzinho?

— Eu ouvi, e muitas vezes, a história que a negra contou, mas conheci o doutor. Era só um homem doente, e não maldito. O que ronda o Poço agora tem parte com o demo, disse eu sei.

— Lua cheia — gritou um dos homens.

Firmino não viu quem falou. Os homens todos riram. Pareciam estar se divertindo com a caçada.

Cícero subiu de volta no cavalo. Deu ordem aos outros homens e partiu em disparada na direção da igreja. Firmino permaneceu lá, parado debaixo de chuva, ainda sem entender direito aquela história. O que ele sabia era que bala de prata só servia pra uma coisa. E aquilo o deixou confuso.

Padre Afonso havia sumido no mesmo dia em que batizou o filho de Firmino. Durante a cerimônia, o vigário parecia cansado. Estava bem mais magro e pálido do que já era antes. Sua voz era cansada e ele respirava com dificuldade. Antes de jogar a água benta no menino ele o segurou em seus braços e ficou olhando seu rosto por alguns instantes.

— Como é mesmo o nome dele? — perguntou.

— Antonio — Respondeu Joana. Ela havia escolhido o nome.

— Antonio era o nome do meu pai — comentou padre Afonso, sorrindo para a mulher.

Depois do batizado, houve uma festa na casa de Firmino. No final do dia, ele embrulhou alguns doces, feitos por sua mãe, e foi até a igreja presentear o padre. Mas as portas estavam fechadas. Pessoas que moravam por perto disseram que o padre havia saído numa charrete sem falar com ninguém. Ele nunca mais voltou.

Lentamente, com o revólver em punho, Firmino caminhou em direção à sua casa. Olhou de lado e viu que a vizinha não estava mais lá. De repente, ouviu um estrondo vindo da parte de trás da sua casa. Alguém havia arrombado a janela, ele pensou. Virou-se mais não via mais seu primo, nem os outros homens. Estava só. Mais um estrondo, dessa vez mais alto. Ele, então, correu.

Parado ao lado do berço onde dormia seu filho, estava um lobo enorme, quase do tamanho de um burro. Tinha os olhos vermelhos, da cor de sangue. O bicho também exalava um odor horrível. Firmino ficou paralisado, e nem conseguia pensar direito. Seu corpo estava trêmulo e o suor frio escorria pelo seu rosto já encharcado pela chuva.

O animal o fitava. Não fazia nenhum movimento brusco ou sinal que ia atacar. Mas isso não servia para acalmar Firmino. Para ele, a visão era a de um predador pronto para devorar sua presa.

Mesmo amedrontado, Firmino foi pouco a pouco recobrando a consciência. Então se lembrou de Joana. Olhou para a porta do quarto e viu que ela havia sido posta a baixo. “Meu Deus”, falou em voz baixa, já com os olhos cheios de lágrimas.

Virou-se em direção à fera e a encarou. O monstro ainda não esboçava nenhum sinal de agressividade. Firmino então apontou o revólver em sua direção. Naquele instante, o comportamento do lobo mudou. Ele ergueu-se com fúria e soltou um urro ensurdecedor. Firmino abaixou o revólver e deu um passo pra trás, mas o bicho não se acalmou mais e começou a rosar e mostrar os dentes.

Tomado pelo horror, Firmino não hesitou em erguer o revólver de novo. Diante da nova ameaça, a fera urrou de novo, desta

vez mais alto ainda. Curiosamente, o bebê permanecia sem chorar, mesmo com aquela barulheira toda.

O bicho aproximou-se ainda mais do berço. “Saia daí. Saia”, gritou Firmino. O monstro mostrou os dentes mais uma vez, agora sem urrar. A chuva cessara de vez. Firmino só notou isso quando ouviu nitidamente o barulho de pisadas de cavalos.

A fera percebeu a mesma coisa e sentiu-se acuado. Olhou para todos os lados em busca de uma saída e viu que a porta da casa ainda estava aberta. Firmino não a havia fechada ao entrar. A fera o encarou com raiva, como se exigisse que ele abrisse passagem. Firmino permaneceu impedindo sua escapada. A fera urrou de novo. Num ato de enorme coragem o homem permanecia ali. Já tinha notado a intenção da besta em fugir, por isso queria retê-la até que seu primo e seus homens passassem por ali de novo e o socorressem.

Ao ouvir o som dos cavalos cada vez mais próximos, a fera tentou fugir de qualquer forma. Encurvou-se para dentro do berço e pegou o bebê. Firmino entrou em desespero. O monstro o segurava pela boca, como fazem as cadelas. Em seguida pôs-se em direção à porta, numa rota de fuga que tinha Firmino pela frente.

Este, sem hesitar um segundo, mirou bem no coração da fera e descarregou a arma. Não sabe quantos tiros o atingiu, mas o monstro caiu, com o bebê ao seu lado. Firmino largou a arma em cima do sofá e correu em direção ao seu filho. Recolhe-o do chão e o colocou em seus braços. Havia um corte na cabeça da criança e ele se desesperou.

A fera agonizava. Seus uivos eram agudos e altos, como choro de cachorro. Ele sacudia e esticava as patas. Seu corpo todo tremia como alguém doente de febre alta e soltava urina e fezes mais

fedidas do que as de qualquer outro animal. Firmino pegou em pano dentro do berço e colocou no corte na cabeça de seu filho. Agora, um pouco mais calmo, viu que o ferimento era pequeno.

Neste instante Cícero e seus amigos entraram na casa. Ao verem o monstro no chão, todos fizeram o sinal da cruz e empunharam as armas. Cícero deu ordens para que todos se acalmassem.

— Acabou. Me deixem sozinho com ele — falou em voz alta.

Os homens obedeceram. Logo depois, Cícero caminhou em direção da besta e ficou contemplando seus últimos instantes de vida.

E bem ali, diante de seus olhos, o monstro começou a mudar de forma. Os pêlos começaram a desaparecer, juntamente com o seu semblante animal. A figura diminuiu de tamanho e tinha agora a forma de um corpo de homem. Padre Afonso jazia na sala do casebre com um enorme buraco em seu peito. Um sangue escuro e fétido escorria e se misturava à poça azeda no chão.

Ainda com o filho nos braços, Firmino correu em direção ao quarto à procura de Joana. Não havia nenhum sinal de sua esposa. Ele voltou correndo para a sala.

— Joana não está no quarto, primo. Temos que procurá-la — gritava apavorado.

Cícero olhou para ele calmamente e pediu para que lhe acompanhasse para fora da casa. Ele colocou a criança de volta ao berço e o seguiu. O susto de Firmino foi maior do que o que tinha tomado ao ver o monstro dentro de sua casa. Sua esposa estava deitada no chão, amarrada pelas duas pernas a uma corda que tinha a outra ponta presa à cela do cavalo de seu primo.

— Ela nos atacou assim que saímos daqui — disse Cícero

Firmino abaixou-se, abraçando o corpo da esposa, e pôs-se a chorar. Gritava como se sentisse dor. Ela estava nua e coberta de sangue. O mesmo sangue escuro e fétido que havia incensado sua casa. O sangue escorria por um buraco do lado esquerdo de seu peito. Cícero ergueu o primo, dizendo que era tarde e nada mais podia ser feito. Firmino se debatia e o esmurrava.

Lá estavam as vizinhas no meio da rua. Não apenas uma, mas todas elas. Olhando, falando e sussurrando pelos cantos. Pareciam gargalhar dele, no desfecho da sua tragédia.

Cícero o pegou pelos cabelos e o arrastou para dentro de casa. Quando entrou, jogou-o no sofá e ordenou que parasse de chorar.

— O que fizeram com minha esposa, seus merdas — gritou, tentando se levantar.

Cícero lhe deu uma tapa no rosto e o empurrou de volta ao sofá.

— Tua mulher tinha o demônio dentro dela — falou. — Ela também era bicho da lua. Dormia com o padre.

Firmino tremia e chorava mais ainda. A história de seu primo era absurda. Mas o que ele tinha visto ali naquela noite, na sua casa, também era.

“Era por isso que saía à noite. Era por isso que voltava com outro vestido. E o padre? Ela realmente me traía?” As idéias apareciam em sua cabeça todas de uma só vez, deixando-o mais confuso ainda.

Firmino abaixou a cabeça e pôs-se a chorar mais uma vez. Estava desolado. Seu transe só foi interrompido por um pequeno ruído ao seu lado. O som de um revólver sendo engatilhado. Firmino ergueu-se e deparou-se com seu primo apontando a arma em direção ao berço do seu filho.

Seu reflexo foi rápido. O revólver com o qual estava armado antes estava jogado no sofá. Ele o pegou e, levantando-se rapidamente, apontou para Cícero. Esse parou, ao notar que Firmino estava armado, mas ainda continuou com o revólver engatilhado e em direção do berço.

— O que é isso, primo? Ficou doido?

— Esse filho não é seu, Firmino. Você sabe disso mais do que ninguém — respondeu calmamente.

— Solta essa arma, primo. Ou vai terminar fazendo uma besteira. E eu também.

— Ele não é seu filho, Firmino. É filho do Padre Afonso — falou Cícero, agora com um tom de voz agressivo. — O que aconteceu com Joana vai acontecer com ele. É melhor acabar com isso.

— Ele é só uma criança — retrucou, também com um tom firme. — Não tem culpa. Solte a arma agora, Cícero. Eu estou falando sério.

Cícero abaixou o revólver.

— Você vai se arrepender — falou ele.

Em seguida caminhou em direção à porta. Firmino o manteve sob a mira do revólver até ele sair da casa. Pouco depois, ouviu o som dos cavalos que rapidamente foram se afastando. Ele foi até a porta, na esperança de que o corpo de Joana ainda estivesse lá, mas o tinham levado. Então jogou o revólver do seu primo fora. Não tinha mais balas nele.

Depois, correu até o quarto, pegou sua espingarda e voltou à sala. Tomou o bebê nos braços e saiu, não sem antes parar ao lado do corpo do padre, estendido no chão, e cuspir em seu rosto. Depois deste dia, pai e filho nunca mais foram vistos.

**Agradecimentos especiais a Roberto Beltrão, Jônatas Campos,
Júlio César Carvalho, Athena Farias, Thiago Paulino, Mauro
Rossiter e Thiago Fraga.**

Este livro foi composto em Garamond Premier Pro
pela Editora Multifoco e impresso
em papel Pólen 90 g/m²
